



A vírgula é pela continuidade

Lina Alegria*
Franco Alves Biondi**
Diego Pereira***

ALEGRIA, L.; BIONDI, F. A.; PEREIRA, D. **A vírgula é pela continuidade.** *História Social*, n. 26, 2023, pp. 15-92.
<https://doi.org/10.53000/hs.n26.5248>

Um dos maiores desafios enfrentados por uma revista discente, e isso ficou claro nas extensas pesquisas e entrevistas sobre a *História Social* realizadas ao longo do último ano e pouco, é a garantia de sua continuidade. O volume de trabalho, as responsabilidades com as próprias pesquisas, a curta duração dos cursos de pós-graduação são todos fatores que facilitam o surgimento de tentativas breves e frustradas de funcionamento, em um ciclo de eternas retomadas. Como ficará claro nas entrevistas abaixo, feitas com ex-editores da publicação, a RHS nunca esteve imune a essas dificuldades, nem cega a esses desafios. Como nos relatou uma das entrevistadas, durante anos, o desenho da capa remetia

* Mestranda na área de Dinâmicas e Linguagens Políticas do Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP. Editora da revista *História Social*. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-8668-6013>.

** Doutorando na área de Dinâmicas e Linguagens Políticas do Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP. Editor da revista *História Social*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3224-1613>.

*** Doutorando na área de Dinâmicas e Linguagens Políticas do Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP. Editor da revista *História Social*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9923-5867>.

a uma vírgula: “Então, a capa, você pode olhar, [...] ela tem um trabalho gráfico que sugere um pouco uma vírgula [...] É esse número, vírgula, o próximo número, vírgula, o próximo, né? [...] É uma coisa que é para ter continuidade, que é um grande desafio para revistas com esse perfil, para toda revista, com esse perfil especialmente”. E, ainda assim, entre 1994 e 2013, foram publicados vinte e cinco números da RHS, nos quais constam uma quantidade significativa de artigos, resenhas, entrevistas, homenagens e traduções. D’onde nosso desejo de retomar as atividades da revista, tornando os últimos dez anos sem números novos não um ponto final, mas, apenas, mais uma vírgula.

As cinco entrevistas abaixo foram realizadas separadamente, ao longo de março e abril de 2024. Elas ocorreram, majoritariamente, via zoom e foram posteriormente transcritas e editadas. O nosso objetivo foi o de, através de uma pequena amostra de editores, que atuaram em diferentes momentos e contextos, desvelar parte da história da RHS, e, como historiadores zelosos de sua profissão, construir e inventar a nossa genealogia. Talvez pelo caráter nostálgico dessa nossa tarefa auto-incumbida, optamos por conversas informais com os nossos antecessores e, por vezes, a conversa caiu em pedidos por conselhos, úteis para nos ajudar a pensar o lugar de uma revista discente nos dias de hoje. É importante reforçar que, devido ao limite de espaço da publicação, nenhuma das entrevistas está disponível na íntegra aqui.

Um agradecimento especial deve ser feito aos professores Jefferson Cano, que teve a paciência de responder a entrevista por e-mail, e Paulo Fontes, pela disponibilidade de repetir a conversa, dadas as recorrentes dificuldades técnicas com que nos deparamos. Igualmente, à professora Crislayne Alfacali, pela compreensão e generosidade com a sua condição de cobaia desta seção. Finalmente, à professora Josianne Cerasoli e à doutora Márcia Cury pelo carinho e pelos conselhos.

A todas as pessoas envolvidas na vida da revista *História Social*, nosso sincero agradecimento.

A todas as pessoas recém-chegadas, sejam muito bem vindas.

Os entrevistados:

● **Prof. Dr. Jefferson Cano:** graduado em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), por onde também obteve o mestrado e o doutorado, pertencendo ao Programa de Pós-Graduação em História entre 1992 e 2001. Nesse período, participou como editor no primeiro número da Revista História Social (RHS), lançado em 1994. Atualmente, é professor associado do Departamento de Teoria Literária, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na UNICAMP. Seus trabalhos versaram sobre a história do Brasil Império e da imprensa e literatura do período, com ênfase no romantismo e cultura política, dentre as quais destacamos “*Escravidão, alforrias e projetos políticos na imprensa de Campinas, 1870-1889*” e “*O fardo dos homens de letras: o orbe literário e a construção do império brasileiro*”, com os quais obteve os títulos de Mestre, em 1994, e Doutorado, em 2001, respectivamente, e sua tese de livre docência, “*A Teia do Presente: literatura e outras ficções da esfera pública*”, defendida em 2023. Dentre suas publicações, os livros “*Imigrantes no Brasil do século XIX*”, publicado pela editora Atual, em 2003; “*Joaquim Manuel de Macedo, Labirinto*”, Mercado das Letras, 2004; “*Metamorfoses do heróis: estudos em história do romance*”, em 2021, além de ter participado como organizador dos títulos “*Trabalhadores na cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro*” e “*Machado de Assis: Comentários da Semana*”, publicado pela Editora da UNICAMP.

● **Prof. Dr. Paulo Roberto Ribeiro Fontes:** graduado em História, concluiu o bacharelado, em 1988, e licenciatura, em 1990, pela Universidade de São Paulo (USP). Ingressou no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 1992, permanecendo até 2002. Nesse período, atuou como editor da Revista História Social (RHS) entre 1996 e 1997, participando da organização dos dossiês “*África do Sul*”, em 1996, e “*História Social Inglesa*”, em 1997. É professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tendo também lecionado no Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), na Fundação Escola de Sociologia e Política de São

Paulo (FESPSP) e na Fundação Getúlio Vargas (FGV), além de contar com vínculos internacionais nas Roanoke College, Duke University e Princeton University, nos Estados Unidos; Universidade Nacional de San Martín, Argentina; International Institute of Social History, Holanda; e Humboldt-Universität Zu Berlin, Alemanha. Trabalhou com temas relacionados à história social e do trabalho no Brasil e América Latina, como sindicalismo, movimentos sociais, cultura operária, migrações internas, urbanização e industrialização. Dentre seus trabalhos, destacamos a dissertação “*Trabalhadores da Nitro Química. A Fábrica e as Lutas Operárias nos 50*”, publicada pela Editora Anna Blume, em 1997, e a tese “*Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*”, com as quais obteve o mestrado e doutorado, em 1996 e 2002, respectivamente; os livros “*Um Nordeste em São Paulo. Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)*”, publicado pela Editora da FGV, em 2008, vencedor do Thomas Skidmore Prize em 2016; “*Migration and the Making of Industrial São Paulo*”, pela Duke University Press, 2016; e a organização em coautoria dos títulos “*The Country of Football: Politics, Popular Culture, and the Beautiful Game in Brazil*”, pela Husrt Publishers, em 2014, e “*Brazilian labour History: New Perspectives in Global Context*”, pela Cambridge University Press, em 2018.

● **Profa. Dra. Josianne Francia Cerasoli:** graduada em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), obteve o bacharelado em 1995 e, licenciatura, em 1996. Nesse mesmo ano, iniciou o mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP, onde permaneceu até a conclusão de seu doutorado, em 2004. Foi editora da Revista História Social entre 2001 e 2005, tendo participado da organização dos dossiês “*História e Literatura*”, “*Viagens e Narrativas*” e “*Imagem e Som*”. Atuou como professora da educação básica entre 1991 e 2000, e de ensino superior desde 2004, com passagens pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), no Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (UNILESTE-MG), na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e na Universidade

Federal de Uberlândia (UFU). Desde 2012, é professora no departamento de História da UNICAMP. Dedicar-se às áreas de História Política e Urbana; memória; e teoria, metodologia e ensino da História, com ênfase em temas como cidadania, Brasil Republicano, história da cidade de São Paulo, modernidade e modernizações e intersecções entre História e Arquitetura. Dentre seus trabalhos, destacamos a dissertação “*A Grande Cruzada: os engenheiros e as engenbarias de poder na Primeira República*”, com a qual obteve o título de Mestra em 1998, e a tese de doutoramento “*Modernização no Plural: obras públicas, tensões sociais e cidadania em São Paulo na passagem do século XIX para o XX*”, defendida em 2004, e a participação nos títulos “*UFU, Ano 30 - tropeçando universos (artes, humanidades, ciências)*”, edição comemorativa dos trinta anos da Universidade Federal de Uberlândia; “*Tramas do político: linguagens, formas, jogos*”, publicada pela EdUFU, em 2012; “*Urbanistas e urbanismo no Brasil: entre trajetórias e biografias*” e “*Da cidade e do urbano: experiências, sensibilidades, projetos*”, publicados pela editora Alameda, em 2014 e 2018, respectivamente; e “*Nebulosas do pensamento urbanístico: modos de narrar*”, pela EdUFBA, em 2020.

● **Dra. Márcia Carolina de Oliveira Cury:** graduada em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), *campus* Franca, onde também obteve o título de mestrado, em 2007. Em 2008, iniciou o doutorado em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), concluído em 2013. Atuou como editora da Revista História Social entre 2007 e 2011, participando dos dossiês “*História Comparada*”, em 2007; “*Mundos do Trabalho*”, em 2008; “*Poder e Repressão*” e “*Revoluções no Século XX*”, ambos em 2009; “*Cultura e Política na América Latina*”, em 2010; “*Racismo: História e Historiografia*”, em 2010; “*História e Mídias*”, em 2011; e “*Documentos Judiciais e História Social*”, em 2011. Atuou como professora na rede Estadual de São Paulo, em Campinas; na Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP-Franca; na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e no Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE). Desenvolveu pesquisas na área de História da América Latina, com ênfase em História Social e

Política da classe trabalhadora, de partidos e pensamento político. Dentre seus trabalhos, destacamos “*Júlio César Jobet e a cultura política do socialismo no Chile (1957-1973)*”, com o qual obteve o título de Mestra em 2007, e sua tese de doutorado, de 2013, “*o Protagonismo popular: experiências de classe e movimentos sociais na construção do socialismo no Chile*”, publicado pela Editora da UNICAMP, em 2017, e traduzido para o espanhol, em 2018, pela editora chilena Lom Ediciones.

● **Profa. Dra. Crislayne Gloss Marão Alfagali:** graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em 2009. Ingressou no mestrado, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 2010, permanecendo até a obtenção de seu doutorado, em 2017. Atuou como editora da Revista História Social em 2013, participando da organização dos dossiês “*História e Biografia*” e “*História e Índios*”. É professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), tendo lecionado também na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), em 2018. Suas pesquisas se concentraram nas conexões entre a África e o Brasil, com ênfase em cultura material, história do trabalho no período colonial e história de Angola. Dentre seus trabalhos, “*Em casa de ferreiro pior apeiro: os artesãos do ferro em Vila Rica e Mariana no século XVIII*”, dissertação com a qual obteve o título de Mestra, em 2012, e publicada pela editora Alameda, em 2018; “*Ferreiros e Fundidores da Ilamba. Uma história social da fabricação do ferro e da Real Fábrica de Nova Oeiras (Angola, segunda metade do século XVIII)*”, tese de doutorado, defendida em 2017, vencedora do Prêmio Internacional de Investigação Histórica Agostinha Neto, em 2018, sendo publicada em Luanda e traduzida para o inglês, em 2023, pela De Gruyter Olderbouurg. Também teve participação no livro *História da África*, publicado pela Editora e Distribuidora Educacional, em 2018, e na organização de *O espaço e os construtores de Mariana (século XVIII)*, pela Editora da Universidade Federal de Ouro Preto, em 2016.

Entrevista com a Profa. Dra. Josianne Cerasoli

***RHS:** Professora Josianne, você é um exemplo dos muitos “unicampers” que fazem a sua formação na UNICAMP e retornam depois para dar aulas. Fiz as contas e fazem pelo menos 33 anos que você transita pelo campus. Então eu queria aproveitar esse momento para entender um pouco mais sobre a universidade nesse período e sobre o surgimento da revista, em 94. Imagino que nesses anos muitas coisas tenham mudado, tanto em termos de ensino, de socialização no campus, de grade curricular e até na paisagem do IFCH. E queria saber quais são as maiores diferenças ou variações que você percebeu nesse decorrer do tempo, desde a entrada na graduação até hoje em dia.*

Josianne: É bastante coisa, não é? [...] Eu comecei [na UNICAMP] em 91. Então tem muita diferença.

Cantinas muito mais sociáveis, porque nós também podíamos nos confraternizar nas cantinas, as cantinas eram também espaços em que a gente tomava uma cerveja na sexta-feira, que se comemoravam as teses. Isso também gerava menos distância entre graduação e pós-graduação, pois sempre tinha na mesa ao lado alguém comemorando uma coisa que a gente mal entendia o que era. E a gente via uma relação diferente entre as pessoas, com os próprios professores, que interagem de outra maneira com eles. E eles com a gente. Era também um trânsito mais livre. Então hoje a gente reclama muito dos espaços. E eu acho que não é uma política deliberada da UNICAMP, tem a ver com muitas coisas, mas definitivamente tirar esses espaços em que as coisas estavam menos hierárquicas não ajuda. Isso eu não tenho dúvida. E para quem chegava [...] eu acho que era um impacto. Primeiro, de uma coisa que a gente tinha lutado tanto para estar dentro, para participar, e aí [ao] chegar, você participa de tudo que você quiser, não tem muita separação.

[...] De todos eles, o que eu tenho mais saudade é do “Açúcar e Gelo”, como a gente chamava, que é a antiga banquinha de sucos da física. A gente chamava de açúcar e gelo porque qualquer coisa que você pedisse lá, eles falavam, “açúcar e gelo?”. “Então eu quero um suco

de abacaxi com hortelã”, “Açúcar em gelo?”; “Quero beterraba com laranja”, “Açúcar em gelo?”. Então a gente chamava de “Açúcar e Gelo”. Acho que, na essência, isso não está mudado, mas funcionava de um outro modo, acho que tinha mais possibilidade de troca.

Acho que foi também nesses lugares que eu soube que tinha uma revista, que aluno podia tocar revista, que a gente podia aprender e fazer, aprender fazendo. E não tinha nada virtual, essa entrevista seria impossível, inimaginável. O meu computador, meu primeiro computador, eu comprei um 386 [...], comprado no último ano da graduação. Até então era um equipamento mais interessante, a máquina de escrever, que já imprimia o pensamento, enquanto você digitava ele já imprimia, e isso levava a gente a pensar muito mais antes de sair escrevendo. Então, a gente discutia mais os textos. Todo mundo tinha uns cadernos que iam para essas cantinas, para esses lugares, para aquelas mesinhas lá do fundo que a gente ainda usa bastante. [Ia] Com o caderno discutir coisas com os colegas, porque a hora que chegava na frente da máquina de escrever, não dava para ficar errando muito [...] Não dá para voltar, como fazemos hoje: depois eu arrumo isso aqui, vou escrever de qualquer jeito. A gente preparava mais, improvisava menos. [...]

***RHS:** A gente está falando sobre as coisas das quais você sente falta... Essa dimensão do trabalho coletivo: de discutir as coisas, revisar as coisas conjuntamente. Mas e as transformações positivas? Porque acho que nunca é um movimento numa direção só. Tive alguma mudança positiva que você...*

Josianne: Sim, até a gente se dar conta de qual era o lugar da revista no debate acadêmico mesmo, a gente tinha que circular muito. Hoje, você sente uma tarde com uma pesquisa bem feita nas bases de dados da própria biblioteca, você já sabe exatamente, já sabe quantas são, o que está faltando na área etc. Nossa, isso é extraordinário.

A gente tinha um professor que é aposentado hoje, o Michael Hall. Eu acho que a biblioteca deveria ser chamada Biblioteca Michael Hall, é

uma realização fruto da teimosia dele. Um estrangeiro, um brasilianista que veio trabalhar no Brasil, americano do Sul, eu acho que ele era da Carolina do Sul, não sei, ele contava umas histórias da Carolina do Sul, agora não sei exatamente se ele nasceu lá. E ele tinha essa obsessão com bibliografia, com levantamento bibliográfico. Nas aulas que ele dava, sempre, no final da aula, tinha alguém lá perguntando alguma coisa que queria aprofundar, ele tinha uns blocos de anotação pautados amarelos (não amarelados, amarelos mesmo por convicção) e ele anotava com um tipo de caligrafia muito comum para quem escreve, e foi alfabetizado em inglês, que é meio tombadinha, não sei por que isso é comum, ele escrevia uma letra não exatamente pedagógica, mas fácil de entender, listas e listas de livros e sempre terminava falando: “você vai lá buscar no index”. Ele dava o nome do index que tinha que buscar na biblioteca, e isso significava marcar um horário com a bibliotecária, sentar com ela, ela abrir nas máquinas dela, não sei do que raio de processamento que era nesse momento, e ela abria um por um e você ia com ela pesquisando.

Então, gente, era um tempo infinito, um tempo infinito. Eu só soube que existiam esses índices, que hoje eles equivalem a muitas das bases de dados que a gente tem, de bases de informação bibliográfica, então muito maiores, mas eu só soube porque eu fui aluna do Michael. E o Michael fazia isso. “Não, isso você tem que atualizar.”, “Não adianta nada você saber o nome do autor e saber que a capa do livro é cor de abóbora, você tem que saber qual é o ISSN, qual é o ISBN.” Eu nem sabia que existia esse tipo de informação. Então, quando a gente foi trabalhar na revista, que tinha que checar e atualizar o ISSN, por exemplo, achei o máximo fazer uma coisa que era aquilo que o Michael dizia que ia ajudar a encontrar a revista em qualquer lugar do planeta. Então, acho que o acesso à informação é muito mais fácil, é inacreditável.

Recentemente, eu estava fazendo uma pesquisa, precisava de um artigo, que não estava em nenhuma das bases assinadas pela biblioteca, procurei de várias formas, entrei em contato com a bibliotecária para dizer que não tinha conseguido, ela me orientou a fazer um pedido pelo próprio

sistema da biblioteca, fazer um pedido de consulta, para liberar a consulta mediante pagamento. Imagina, nos anos 1990, a gente saía mandando, sei lá, carta para os colegas em outras universidades perguntando se tinha revista tal lá para tirar uma cópia e mandar pelo correio. Era assim que funcionava. E a gente fazia amizades assim porque, enfim, era um gesto a pessoa parar e pegar, tirar um xerox, colocar no envelope e mandar e tal, virava amiga para sempre. Então, quando eu consegui esse artigo no ano passado, que eu solicitei, demorou umas duas semanas e eu estava com ele em PDF ... A UNICAMP comprou o artigo e disponibilizou para eu usar na pesquisa. Cara, isso é extraordinário. É extraordinário. A gente tem hoje melhores condições para pesquisar.

Isso não quer dizer que não permaneça um universo imenso de coisas que, como o Michael dizia, “se não tiver indexado é invisível” [...]. Fora do continente americano, fora do continente europeu, fora do asiático, mas asiático tá fora do nosso alcance por razões de alfabeto, do meu alcance [...] tem que ser muito persistente na busca. Então, eu acho que ter [...] aprendido a pesquisar com essas diferentes estratégias, ferramentas, também me ajuda a olhar com certa preocupação para as facilidades, elas são extraordinárias, não abro mão delas, são muito melhores do que aquilo que eu podia ter imaginado quando comecei a pesquisar, mas elas também nos colocam em algumas encruzilhadas de responsabilidade ética com a pesquisa, não dá, como nunca de fato deu, para generalizar, mas a gente fez isso bastante, agora muito menos, com a consciência que a gente tem das lacunas.

RHS: *Quando fui pesquisar para selecionar quem a gente queria entrevistar, fiquei pensando no contexto em que você entrou na UNICAMP. É o período de redemocratização ali, tipo, início da década de 90. É curioso porque entre 1990 e 1994, a UNICAMP teve seu único reitor formado em um curso de humanidades, o Professor Carlos Alberto Vogt, especializado em linguística. Ao mesmo tempo em que, em âmbito estadual, atribuíram-se recursos fartos e autonomia de gestão financeira para a universidade. Data de 1989 o decreto que assegura não apenas a autonomia de gestão financeira das universidades estaduais paulistas, como aloca para elas recursos oriundos*

do ICMS. Percentual aumentado em 1995. Fiquei me perguntando como essas coisas se articulavam, como era o clima da UNICAMP nessa época.

Josianne: Bom, de um ponto de vista político, a gente era bem otimista, não é? A gente participava muito das greves, participava muito das mobilizações, tinha muita briga, *muita briga*. Chegou um momento, talvez, com exemplo você vai entender até onde a gente chegava. As eleições para o centro acadêmico eram tão apaixonadas [...]. Você estava do lado de muita convicção, ninguém demonstrava ter dúvida. Então se julgava muito rápido: esse grupo não, não vale a pena por isso ou por aquilo.

Aí teve uma eleição que um grupinho lá, meio outsider, com quem eu tinha muita amizade, decidiu lançar uma chapa meio fake ali para concorrer. Se inscreveu e tal, bonitinho, mas não era, ninguém queria ganhar nada, era baseado no Poderoso Chefão. Todas as pessoas tinham nomes, Don Corleone, eu nem lembro mais os nomes, faz muitos anos que não assisto mais [...] mas eu era uma delas também [...]. A gente fez campanha, a gente disse que ia construir um toboágua, mas era para atenuar os ânimos. A gente quase ganhou. Sabe aquela história de votar no absurdo para mostrar que a gente protesta? A gente quase ganhou. Foi muito... A gente teve que explicar “Gente, não é nada disso, ninguém quer a gestão do CACH, a gente só quer ter um ambiente de respeito. A gente não vai construir um toboágua, não tem isso. Não tem.” [...]

Tinha outra coisa também da época que eu sinto falta, que eu acho que mudou bastante no perfil. Tinha gente do Brasil inteiro. [...] [E] acho que era um pouco por conta das federais não terem ainda naquele momento a virada que elas tiveram nos governos do PT, principalmente dos dois primeiros governos Lula. Então, a UNICAMP tinha, de fato, um vestibular nacional e tinha prova em vários lugares. [...] Vinha gente realmente de todo lugar. O Bandeirão era um festival de camisa de time do Brasil inteiro. Hoje é bem menos visível essa diversidade, é mais regionalizado mesmo. Os meus alunos de graduação, a maioria mora na região metropolitana de Campinas. Eu acho uma pena. É bom, porque tem federal em tudo

quanto é lugar, ninguém precisa ficar adolescente longe de casa comendo miojo, não é necessário. Mas esse convívio também impactava um pouco na nossa percepção de democracia, sabe? Que as nossas convicções não eram assim tão puras, que a gente podia estar cometendo violência sem perceber, exclusões sem perceber, naturalizando algum tipo de discurso universalizante sem nem perceber, são bem possíveis, mas esse convívio era muito importante.

RHS: *Tem uma coisa que você falou que me chamou muito a atenção, Professora. Acho que tem uma contraposição interessante: você falou desses ânimos políticos muito acirrados, muita convicção, contraposto com esse trabalho acadêmico muito mais conversado. Então, eu queria entender como é que você interpreta isso? As pessoas estavam lá brigando sobre política, e, no dia seguinte, “dá uma olhada aqui no artigo que eu quero publicar?”...*

Josianne: A política era de manhã. Porque futebol e política é de manhã. Futebol você discutia segunda-feira cedo. Segunda-feira à tarde, já discuti a polêmica, o gol roubado etc. Já não vale mais. Envelhece rápido esse assunto. Política também, porque ela muda muito rápido. Mas quem estava querendo avançar um pouco em alguma pesquisa, algum projeto, tinha que separar um tempo mais largo para isso... [...]

RHS: *Fazendo uma última pergunta para fechar essa seção sobre a década de 90. Quando eu estava levantando as revistas que surgiram, você falou agora que o CECULT [Centro de Pesquisas em História Social da Cultura] surgiu em 95, mas a coleção de monografias e o concurso de monografias começa a ser publicado em 91; a Temáticas é criada em 93; a Ideias é de 94, junto com a RHS; em 96, tem a de CPA, que é do Centro de Estudos e Documentos do Pensamento antigo clássico. Então, você começa a ter um boom de publicações vinculadas ao IFCH, que acho que também foi uma criação de oportunidades para os programas pós-graduações se articularem. Eu queria entender um pouco como é que você encara o surgimento da revista dentro desse contexto.*

Josianne: Eu não tinha, falando bem francamente, eu não tinha a menor ideia que tinha mais coisas aparecendo. A gente... Era uma oportunidade, alguém chamou a reunião, “vamos discutir, amanhã em alguma salinha lá da graduação, no fim do dia que não tinha aula”, discutimos as possibilidades, com quem tinha que falar, e vamos lá. Então, [...] não percebi nada, podia ser que o IFCH estivesse incentivando, não sei, realmente não lembro.

Eu fiquei preocupada em ver o que tinha para fazer e se eu ia dar conta de ajudar, o que eu podia fazer para poder chegar lá [...] e eu fiz muita ponte com a gráfica, porque para manter uma revista impressa, a relação com a gráfica representa de fato um limite. A gráfica era um ponto... Hoje não existe mais essa questão, mas era um ponto delicado, porque a gente tinha que sincronizar a entrega do material com a entrega de todas as revistas. Então, era uma negociação constante com a gráfica. “A gente vai atrasar.” “Não, não pode, porque tem *Ideias*. Não, não pode, porque tem...” Então, nesse momento, a gente percebia que tinha um *boom*, vamos dizer assim, porque ele era devolvido para a gente como uma demanda.

E foi assim que a gente chegou à capa. Então, a capa você pode olhar, [...] mas ela tem um trabalho gráfico que sugere um pouco uma vírgula. [...] Com um pouquinho de abstração, você consegue enxergar uma vírgula ali.

RHS: *Eu adorei, porque é uma explicação boa.*

Josianne: É esse número, vírgula, o próximo número, vírgula, o próximo, não é? Vamos lá. É uma coisa que é para ter continuidade. O que é um grande desafio para revistas com esse perfil, para toda revista, com esse perfil, especialmente.

E aí tinha um limite de cores possíveis, e o limite do que era possível criar também de elementos gráficos. E tinha algumas coisas que eram impostas, eram obrigatórias do ponto de vista de uma revista

institucional, que a gente não podia deixar de colocar. Então, a gente foi estudando algumas combinações de cores que mantivessem um fotolito mais ou menos fixo, mudasse poucas coisas e cores que não encarecessem, porque cada cor você tem que passar mais de uma vez na máquina. Eu não lembro mais os processos, na época eu até sabia, fiquei lá cheirando à tinta de gráfica muitas vezes para ficar lá dentro testando coisas com eles. [...] Aquela solução de capa que alguém pode olhar e falar, “Poxa, podia colocar uma imagem, podia colocar cada vez uma só”, era uma coisa que era tecnicamente impossível diante da demanda que a gente tinha. E diante dos recursos que a gráfica tinha. [...]

Então, essa coisa do ritmo, a gente tinha que funcionar muito bem com as revisões dos textos para poder entregar em tempo os originais. E essa questão da capa era importante. A gente queria que ela fosse... mais moderna, atualizada e tal, foi o que foi possível. Eu lembro que eu participei muito dessa parte para entender tecnicamente como era, o que dava para a gente fazer.

RHS: *E foi uma capa muito longeva, não é? Porque ela fica até 2009, pelo menos. Então, durou muitas edições com suas variações. Ela foi bem sucedida.*

Josianne: Funcionou, não é? Funcionou. [...]

RHS: *Professora, recuperei aqui um pouco da sua trajetória também, junto com a revista, e você ingressou no doutorado em 1999 e a partir de 2001 atuou como editora da RHS nas edições de número VIII e IX, dedicadas à História e Literatura, e publicadas em 2002; no número X, de 2003, Viagens e Narrativas; e, finalmente, no número XI, Imagem e Som, de 2005. Além disso, você publicou, como autora, para a seção “Fontes e Arquivos”, “Originais da formação de São Paulo: a capital paulista pelo seu arquivo histórico” (2003). Como é que foi o processo de ingresso? Vocês se organizaram, se juntaram, resolveram tocar a revista? Tinha algum pré-requisito? Como é que vocês estruturaram essa comissão?*

Josianne: Algumas pessoas. Eu me lembro muito claramente do Guilherme Amaral Luz [desde 2004, professor da UFU], a gente que chamou a reunião, fez uma chamada, assim, a gente vai fazer uma reunião, a gente tá pensando em reorganizar a revista e quem tiver interesse, se tiver tempo [...] E não teve critério pra selecionar, não, era realmente quem tinha disponibilidade. Eu passei a graduação e o mestrado todo trabalhando, dei aula o tempo inteiro. O único momento em que eu tive mais possibilidade de administrar meu tempo sem a diretora me atribuindo aula foi exatamente aí, 2000. [...] Então eu estava realmente muito mais dedicada a pesquisar e eu achava que era justo dar uma contribuição para um projeto coletivo, que fosse deixar ali espaço para debate. Achei que precisava contribuir. E a gente cada um foi chamando as pessoas que achava que também teriam condições de contribuir.

E foi um momento também, veja, a gente já tinha uma organização pela transparência das publicações, que elas precisavam ser mais acessíveis, essa discussão, que vai culminar no Lattes, já existia. O Lattes passa a ser obrigatório, ele passa a ser universal e depois, logo em seguida, obrigatório a partir de 2005. Mas é ao longo de alguns anos [...] que essa discussão começa a aparecer. Então, quem se envolveu também tinha essa ideia de que é uma universidade pública, precisa publicizar aquilo que está fazendo [...]. Mesmo que fosse limitado, porque a gente pensa hoje em uma revista acadêmica para circular no meio acadêmico [...]. Mas foi um pouco isso. E uma tentativa de ter gente de todas as áreas também. Então, esses temas também refletem isso, não é? Tinha um pessoal forte de história moderna, mas não tinha muita gente de antiga.

RHS: *Sim...*

Josianne: E era... Você não perguntou, mas como é que a gente recebia, não é? Aqui a gente já tinha e-mail, mas chegava por carta. A pessoa mandava três cópias e a gente distribuía as cópias para os pareceristas. Então a gente fazia as reuniões para ver para quem que a gente manda

isso: “Ah, tem fulano que tá e tal.” “Não, eu tô indo para a USP semana que vem, eu levo.” É impensável, não é?

RHS: *Porque hoje tem uma coisa... a gente chama 80 pessoas... até conseguir um parecerista que aceite. Então, tipo, você tem três cópias, você... que riscos você vai correr com essas cópias também, não é?*

Josianne: Exato, exato. Então a gente conversava antes. “Vamos pra cantina, desce uma cerveja, aí a gente vai bater um papo, ok?”. “Olha, eu pensei em você por causa disso”, “Eu dei uma olhada, mas eu não entendo disso...”.

Daí aprendi a vender o peixe também: “Olha, tem esse assunto, eu não sei, eu tô insegura, será que...”. “Quanto tempo você precisa pra fazer? Vamos lá, você faz rapidinho, esse texto tá bem escrito.” Os textos chegavam mais bem escritos, não é?

RHS: *É o tempo, não é? de digitar... E, além disso, também era uma comissão muito grande, não é? Porque, assim, as comissões costumam ser menores. Era uma comissão que, a da primeira edição na qual você participou, tinha, tipo, 14 pessoas.*

Josianne: Não era todo mundo que trabalhava, não. A pessoa às vezes está com a expectativa de que vai conseguir mobilizar aquele tempo e tal. Era todo mundo na sua primeira experiência com revista. Então, acho que muita gente se envolve pensando na parte final, não é? Fala: “Que legal, vou estar aprendendo nesse processo, vai ser bacana”. Mas o dia-a-dia, de ter que ficar aí sentado fazendo levantamento de parecerista, olhando pra... Chegando o tema que você fala, “Meu Deus, isso aqui eu acho que não posso mandar pra ninguém isso aqui, porque isso não faz sentido e tal”. Não era só glamour, não é? E tem gente que se envolve e tem gente que não.

RHS: *E, assim, a gente já falou um pouco sobre as pessoas mandarem os artigos por carta, não é? Mas, como vocês faziam a chamada? Como eram os instrumentos de divulgação dos temas dos dossiês? Era estritamente na UNICAMP que eles circulavam?*

Josianne: A gente mandava para os outros programas, mas eu acho que era... Eu não lembro. Eu acho que era muito, assim, de... “Quem você conhece na UFRJ?”, “Quem você conhece ...” sabe? Não me lembro de uma grande chamada. Não me lembro de a gente ter uma parte preocupada com isso, um grupo de editores que tivesse essa obrigação. Não me lembro. Posso estar esquecendo de uma parte que eu não cuidei. Que não fui eu, tenho certeza.

Eu divulguei a revista, levava quando ia para eventos, a gente fazia, ia para ANPUH, levava exemplares da revista. Acabava divulgando, falando “Ah, você não quer ser parecerista? Da uma olhada na revista!”. E a ANPUH, era bacana para isso, porque era o lugar que você tinha... Provavelmente a gente usasse a ANPUH para divulgar.

RHS: *Tanto a regional quanto a nacional, aproveitando as duas esferas.*

Josianne: Provavelmente sim. Nesse período também estavam surgindo outras associações mais setorializadas. A História Cultural estava muito em referência nesse período, bastante. E o grupo de História Cultural que tinha o GT na ANPUH, acabou fazendo a sua própria associação. Então, tinha algumas pessoas que participavam dessa outra associação, levavam para lá também. A gente viajava, ia para o congresso com um pouquinho de bagagem a mais aí pra levar. [...] Eu lembro muito de *tête à tête*, sabe? Não me lembro de uma estratégia massiva, não.

RHS: *Sim, mas vocês tinham um recebimento amplo de artigos ou era difícil conseguir material para publicação?*

Josianne: A gente sempre tinha artigos sobrando. Ah, tinha uma coisa que a gente fazia, permuta. Nem faz sentido mais isso. A gente tinha alguns convênios para permuta com algumas revistas, então a gente divulgava o material dessas revistas, divulgava as chamadas delas, recebia a revista quando era publicada em troca dela fazer o mesmo pra nós. Isso a gente tinha firmado, com convênio, bonitinho, permuta, tinha dia que a pauta era, “Olha, tem que incluir, a gente tem que ver se vale a pena incluir tal e tal permuta.” Nem faz sentido, não é?

RHS: *Vocês tinham embaixo, inclusive, um “agradecemos os recebidos” e tinha uma listinha de teses, de livros e publicações...*

Josianne: Era isso, muito na unha. Era muito precário, artesanal.

RHS: *Quería seguir falando um pouco sobre os temas dos dossiês. No período no qual você atuou, as temáticas abordadas eram muito diversas. Acho que tem uma variância bastante grande nessa época que não se identifica mais posteriormente. Depois, você começa a notar um maior alinhamento metodológico, teórico com linhas do departamento. Conversando com outros editores, de períodos posteriores, eles falaram que tendiam a acompanhar as discussões que estavam acontecendo no programa, que a revista era um pouco o resultado desses debates. E eu queria entender como é que era a seleção de temas do dossiê, se acompanhava o programa, se excedia o programa, se...*

Josianne: Eu acho que ter um certo rebatimento com o programa é inevitável, porque eram as discussões que estavam alimentando as nossas indagações. Mas a gente tinha uma questão de olhar o que não foi. O que não foi discutido? Tem tantos temas que a historiografia já abriu, que poderia estar trabalhando, e a gente não fez nada ainda, tinha uma certa busca por aquilo que estava menos percorrido. É a lembrança que eu tenho. E uma coisa... A gente estava muito cansado de discutir questões de narrativas, não na perspectiva do que se tem hoje, mas uma discussão muito enviesada que chegou... bem carimbada, como “esses pós-

modernos que não respeitam a materialidade dos acontecimentos” etc. A gente estava muito cansado disso, porque parecia que era um caminho sem muita explicação. Acho que não foi uma discussão feita de modo muito maduro, não sei. A gente fugia um pouco disso. “Não vamos jogar fora a criança com a água do banho.” “Quais crianças que a gente pode alinhar aqui?”, “O que tem de criança nova engatinhando por aí que a gente quer dar espaço?” Tinha bastante isso. E a seção de arquivos era também para isso, mostrar documentos que não foram pensados ainda, que precisam de um cuidado maior e tal.

***RHS:** Inclusive, vocês tinham uma seção de “fontes e arquivos”, não é? Mas são poucos os textos publicados nela. Você, como editora, foi uma das poucas pessoas que publicou um texto ali... Fiquei me perguntando, vocês estavam tentando fazer um esforço de criar a seção, de consolidar ela, como é que foi isso?*

Josianne: Era um pouco isso. Todo mundo tinha tido alguma experiência no arquivo que tinha encurtado muito a distância entre reflexão e texto. A reflexão teórica e a produção mesmo do texto. Todo mundo tinha alguma coisa que tinha acontecido no arquivo. Todo mundo tinha algum arquivo, algum acervo, algum conjunto, alguma série documental que não tinha antes sido trabalhada, que não tinha sido antes visitada. Então, vamos fazer uma seção sobre isso. A gente tentou, sim, fortalecer essa... para divulgar mesmo o que era. Não sei, acho que não deu muito certo, não sei se isso... deixou filhos, deixou herança, deixou força? Acho que não. Mas era uma coisa que a gente queria fazer.

***RHS:** Me encaminhando para o final da entrevista, o tema do nosso dossiê é a retomada da RHS: 10 anos sem revista História Social. A nossa ideia é um pouco abrir...*

Josianne: Foi tudo isso?

RHS: *Foi em 2013 que ela foi desativada. A edição saiu em 2015, mas ela é uma publicação que era para sair no ano de 2013. Não tem edições depois desse ano. Foi aquela edição canônica, em homenagem ao professor John Monteiro, História e Índios. Mas, a nossa ideia era um pouco abrir espaço para discutir as mudanças de perspectivas historiográficas, mudanças na universidade e afins que aconteceram na última década. Pensando um pouco o “ontem e hoje” da revista, na sua avaliação, qual foi o papel que ela desempenhou entre 94 e 2013? Em relação às possíveis mudanças desses últimos dez anos, qual você acha que é o papel que a gente pode esperar dela?*

Josianne: Hoje você tem, acho, um desafio maior do que o que a gente tinha, porque a profusão de revistas é enorme. Então, naquele momento, eu acho que só dizer, anunciar que estávamos retomando a *História Social* já era, por si só, motivo de interesse. Já tinha um público: “Oba, legal, quando sai?”, esperando a publicação ser retomada. Eu tenho a impressão hoje que corre-se o risco de uma saturação. “Mais uma...”, “Mas tantas vezes ela já ficou engasgada, vocês vão engasgar de novo com ela?”, “O que tem? O que tem agora de garantia para ela prosseguir?”... E eu acho que é uma reflexão que os editores precisam fazer. Se é uma revista gerenciada pelos estudantes de pós-graduação e exclusivamente de estudantes de pós-graduação, há sim um perigo, que é esse que estava lá, dela começar e não conseguir continuar porque a passagem, a própria dinâmica da pós-graduação não permite uma passagem de bastão bem feita. Eu tô na revista até o terceiro ano do doutorado, depois eu continuo lá por inércia, mas eu não tô mais presente. Então, quem é que faz esse gancho com quem tá ali chegando? É um desafio, talvez, pensar num estatuto, uma forma equilibrada de exigir mesmo presença de pessoas de todos os anos, não sei, coisa que passa pela cabeça, pra não cair nesse lugar.

Naquele momento acho que tinha um otimismo grande, vários centros e núcleos estavam sendo criados naquele momento, tinha bastante demanda por pesquisa, não que tivesse financiamento evidente, porque as coisas não são exatamente assim. Mas acho que tinha uma curiosidade para saber o que estava sendo difundido e o próprio limite técnico de você

produzir uma revista. Então, a produção de uma revista era comemorada, Hoje eu não sei se exatamente é isso que as pessoas veem, às vezes elas veem, “Lá vem mais demanda”, “Vou ter que considerar mais essa revista para poder fazer meus trabalhos”.

E acho que tem, não sei se tem alguém com um olhar mais estratégico. Existe um... uma coisa que não tinha lá atrás, que hoje existe dentro da ANPUH: o fórum de editores. Eu acho que vocês tinham que participar. O fórum se reúne online, porque ele é nacional, não tem jeito de a gente se reunir. Ele, hoje, tem um técnico, que é ao mesmo tempo o braço direito disso e ele também faz pesquisa sobre publicações de história, sobre revistas, sobre periódicos, ele entende muito disso, ele que orienta a gente. [...] E o fórum faz os documentos orientadores também. O fórum avalia quanto custa produzir cada uma. [...] Participar desse fórum seria muito, muito interessante, eu acho, porque foi um pouco o movimento que a gente fez lá na retomada de 20 anos atrás, a gente foi ver qual era o estado da arte da área. Como é que estão as revistas? Como estão aquelas que morrem e aquelas que continuam? O que diferencia uma da outra? E a gente tentou, assim, Tateando... Não tinha ninguém *expert* orientando. A gente tentou montar uma estratégia para poder solicitar uma indexação, uma primeira indexação, não tinha nenhuma, não é? Para poder tentar algum tipo de financiamento e a gente estava seguindo os passos ali, mas não tinha essa orientação. Hoje eu acho que o fórum da ANPUH seria bem bacana para vocês estarem lá...

RHS: ...*uma orientação...*

Josianne: É, é um contato com as dificuldades muito reais, dificuldades muito reais mesmo, e como as pessoas estão achando estratégias. A maioria delas, das revistas, batalha muito para se manter. E acaba sendo resultado de um esforço abnegado de duas ou três pessoas, que vão se juntando a outras, mas essas que estão permanentemente ali, levando à frente etc.

RHS: *Tem uma coisa que me chamou a atenção, enfim, já tem aparecido na nossa conversa, na verdade: a revista tem espirros, não é? Ela vai e ela espirra, e aí dá um intervalo e volta. E você mencionou essa retomada, em 2001, e é uma coisa que quando a gente foi levantar as edições, olhar os arquivos, não aparece que ali teve um engasgo, um espirro, enfim. Então, eu queria entender como é que foi esse processo de retomada... Ela ficou por quanto tempo parada naquele momento? Vocês fizeram essa primeira edição, que são dois volumes, compensando o ano anterior, que não tinha publicado?*

Josianne: A gente fez, acho que dois volumes, porque tinha uma pressa de não prolongar o atraso por algum motivo. Não vou me lembrar agora, qual que era... Puxa vida, quanto tempo ela tinha ficado parada eu não lembro, realmente eu não lembro mas tinha um cálculo, que era alguma coisa que nos orientava, que precisava ter pressa, colocar rápido, talvez fosse para poder conseguir indexar logo, porque aí a gente tinha acesso ao apoio do próprio instituto e só estava apoiando revistas indexadas, não sei, havia alguma coisa nesse sentido e a gente não fez todo esse balanço que vocês estão fazendo agora, a gente não fez, a gente selecionou lá algumas revistas para argumentar com os colegas que era uma revista importante e precisava ser retomada, ponto. Foi bem pragmático...

E os editores antigos, que a maioria estava lá já estabelecido e estabilizado nos seus lugares de trabalho, de atuação profissional, reagiam com certa desconfiança. “Mas vocês vão continuar a nossa revista? Não é melhor fundar outra?”

RHS: *Entendi. Não, mas é legal que o trabalho tenha continuado, não é? Porque, você comentou das traduções, eu lembro de que quando a gente fez o levantamento eu fiquei: “nossa, tem tradução do Hartog, traduções que eu li dos textos do Hartog, são antigas e estão aqui”... e aí depois também você teve aquelas edições canônicas... Racismo: História e Historiografia, com a Wlamyra, com o Sidney, com... Tem frutos da revista, não é? Tem uma história muito rica, assim, de publicação, ela é muito... muito generosa, eu acho. Foi um negócio que eu percebi folheando.*

Josianne: A gente argumentava isso, é um projeto muito bom, a gente quer que ele viva. A gente não quer ser melhor nem pior, a gente só quer manter o projeto vivo.

RHS: *Sim. E para encerrar um pouco, professora, vamos, praticamente, pedir um conselho. Algo como “os editores pedem conselhos a outros editores”, mas... Quando você olha, hoje em dia, para as revistas acadêmicas e para as demandas de publicação que a gente tem, levando isso em consideração, o que são coisas que você não gosta nos formatos das revistas? E o que você gostaria de ver na História Social?*

Josianne: [...] Eu diria que uma revista de estudantes tinha que ousar, ter alguma coisa, sei lá o quê, ter uma parte que é um lugar de cartas que vai publicar, reações. Eu faria alguma coisa experimental. Hoje eu acho que as revistas estão morrendo por excesso de zelo. Eu gostaria muito de saber quem são os pareceristas de alguns textos que eu escrevi. Eu gostaria de dialogar com eles. Eu gostaria que tivesse: “Olha, nessa revista os pareceristas foram esses. Esses aqui aceitaram fazer um debate.” Vamos debater: esse artigo voltou três vezes. Falei um pouco de bastidor, do que é. Acho que o anonimato está matando a academia, o anonimato de pareceres, por vários motivos. É possível, atrás do anonimato, falar coisas muito absurdas. Muito cruéis. Muito absurdas, sem zelo mesmo...

Acho que [uma revista discente] pode se assumir mais experimental. A gente queria ser muito séria quando a gente fez. A gente queria fazer... Queria parecer a revista de gente grande. Não queria ser confundido com a aventura juvenil. Tudo bem, acho que é válido, porque é uma experiência profissional, profissionalizante, no final das contas. Mas hoje eu sinto que falta ousadia. Se o estudante tá querendo ser gente grande, quem que vai fazer a ponte? Algum espaço deve se permitir isso... eu não sei...

As revistas que eu tenho visto ousar vão para as redes sociais e fazem lá um vídeo bonitinho para divulgar o artigo, fazem cada artigo com uma ilustração dentro das redes sociais. Eu realmente tenho pensado

muito antes de publicar qualquer coisa em qualquer rede social porque isso obriga pessoas a tentarem ler o que se publicou. Gera demanda extra. Tem gente que te respeita, que respeita a revista, tem gente que me respeita, que gostaria de ver minha opinião. Quanto tempo do dia ela precisa para ver tudo o que ela acha importante? Vamos publicar o que realmente merece ser visto. Uma desintoxicação daquilo que você está oferecendo para os outros também acho que pode ser um critério. Não acho que é na rede social que você vai fazer inovação.[...]

Se eu tivesse que começar uma revista do zero, hoje ela teria isso. É um experimento não anônimo. Ela vai ter espaço para o debate. Ela vai ter espaço para você discordar do parecerista. O parecerista vai dizer respeitosa e o que é que está pensando, para poder ensinar a fazer parecer. O que é parecer?

Ela pode ter uma sessão de... Como a gente tentou com fontes, uma sessão para entender cada área, o que cada campo do conhecimento tem hoje de desafios. Eu quero começar a pesquisa sobre alguma coisa. Sabe, fazer uma ponte com a formação mesmo? Porque a gente quer virar gente grande muito rápido. Tem umas etapas aí, não é? Tem umas etapas. A gente vai aprendendo. Tanta coisa pra aprender. Eu tenho 52 anos hoje. Eu me sinto uma adolescente. Gente, não sei nada. Não sei nada. Como é que eu vou fazer para aprender tudo que eu quero? E quanto tempo você passa tentando provar que você sabe, não é? Então, não vamos provar nada. Vamos experimentar juntos. Eu acho que podia ter uma parte experimental. Proponham. Os editores sentarem e falarem: “Hoje a gente é reunião sem pauta. Pauta é invenção: O que que falta na revista?”

Estimular resenha. Estimular resenha. resenha curta, resenha fácil, talvez criar pílulas de resenha, assim, uma coisa, “olha, li e é isso aqui, precisa ser lido por qualquer um”, “isso é necessário, isso é importante”, “li e recomendo”, porque as pessoas têm muita pressa e acabam se apegando rapidamente ao campo do conhecimento, a um assunto, viram um nichozinho e ficam ali por segurança. Se eu quiser conhecer alguma outra coisa, como fazer sem a ajuda do outro que já trillhou o caminho? Não tem

jeito, recomeçar ali não tem jeito. Não tem, teria alguma coisa desse tipo, sei lá. Eu chamaria de anti-lattes. A parte da diversão, vale *haikai*... [...] É, se eu pudesse falar alguma coisa para os editores hoje, diria isso: não sejam tão sérios. O que vocês querem? Não querem imitar a gente. A gente é muito... A minha geração se vendeu para o *lattes*. [...] É uma tristeza. A geração que fez esse percurso, que vocês muito bem olharam ali, estava brigando por certezas em 91. Perdendo amizades na eleição, se dilacerando nos contextos de greve, querendo fazer... Revoluções mentais e doutrinação em massa... [...] [e ela foi] doutrinação por ofertas de bolsa. [...] E a minha geração se rendeu e ensinou a seguinte a se especializar nisso, os colegas mais novos são especialistas nisso eles são especialistas em dizer não para os trabalhos coletivos que não vão lhe render... Quem que vai quebrar essa corrente senão os mais novos? Então, se tivesse algo que eu pudesse falar...

RHS: ...*Setor de ousadias.*

Josianne: É, setor de ousadias. A gente pode ousar um nome, um nome melhor que esse, não é? Esse é muito ruim, mas deve ter um nome bom. Deve ter um nome bom pra isso.

Lina: Ah, certamente. A gente arranja. Ponto de pauta da próxima reunião: “Novo setor da revista.”

Josianne: E aí, se vocês fizerem, eu me comprometo a fazer uma... Uma... Uma... Uma... Resenha sobre... Uma parte sobre o *Detalhe Menor*.

Entrevista com a Profa. Dra. Crislayne Alfagali

RHS: *Já que muitos estudantes do programa de pós-graduação em História da UNICAMP também vieram de outras universidades, eu queria começar perguntando algumas coisas sobre a sua chegada em Campinas e os primeiros contatos com a revista. Você fez graduação na UFOP e veio para o UNICAMP em 2006 para iniciar a pós-graduação. Você consegue se lembrar, em termos gerais, como foi a sua chegada e o contato com o PPGH? Quais foram suas primeiras impressões?*

Crislayne: Eu não conhecia muito a UNICAMP em si, nem o programa. Eu cheguei ao programa por causa de um projeto do CECULT, que era “Trabalhadores do Brasil do século XVII ao XX”, então era um projeto temático, um daqueles projetos temáticos do CECULT, e quando eu estava pesquisando possíveis lugares para fazer a pós-graduação, eu encontrei esse projeto. E como eu pesquisava artesãos, artesãos principalmente do ferro, os ferreiros, em Minas Gerais, no século XVIII, eu falei, “tem alguma entrada”. Eu tenho a possibilidade de dialogar com alguém que está pensando em trabalho numa duração um pouco mais longa e que me abarque. Então, foi mais ou menos por aí. [...] Aí eu tive a sorte de a Silvia Lara ter gostado do projeto, e foi assim que começou. Eu não tive contato direto com a revista. Meu contato com a revista foi muito mais no doutorado e já no fim do doutorado, já não fiquei muito tempo com a revista. Então foi um contato muito mais com a orientação e com o projeto temático do CECULT mesmo, do que com a história social em si. Isso veio depois, isso eu aprendi na UNICAMP. Uma história social a partir das vertentes inglesas, uma nova história da escravidão...

RHS: *Mas você tinha uma impressão, assim, chegou no campus e você achou, tipo, receptivo, pouco receptivo, um ambiente interessante?*

Crislayne: Eu venho de um campo muito pequeno, não é? Mariana é uma cidade muito pequena, é muito... muito familiar, em

que as relações são muito próximas. Era uma outra experiência de universidade. A UNICAMP é uma universidade que tem um campus com todas as graduações, né? Praticamente são... É tudo ali no mesmo campus. Então, isso é diferente pra mim, que vem de um campus que era mais isolado. Era Letras, História... Depois, no fim da minha graduação, começou o REUNI e começou a ampliação para outros cursos. Hoje tem Ciências Sociais, Educação, eu acho que tá lá também... Então, a minha primeira sensação era que era um ambiente muito mais abrangente em termos de experiência universitária, de interdisciplinaridade, de cursos diferentes. Essa experiência de universidade mesmo, maior, assim. E eu lembro que eu fiquei muito impactada com a biblioteca. A biblioteca pra mim sempre foi um lugar muito grande. Então, é uma biblioteca de ciências humanas que tinha tudo que eu pudesse imaginar lá dentro e que eu quisesse pesquisar. E outra coisa que ajuda o processo de adaptação foi isso que você comentou. Muitos dos meus colegas não eram da UNICAMP. Muitos eram de Minas, de Pernambuco, do Ceará. Eu tenho colegas de várias regiões. Então, estávamos todos ali vivendo aquela situação pela primeira vez. Querendo ou não, isso forja laços, não é? Isso cria uma situação que tá todo mundo no mesmo barco e acaba se criando alguma solidariedade. Então, acho que eu tive essa primeira impressão da UNICAMP como um espaço de diálogo universitário muito maior do que eu estava acostumada. Talvez nessa questão de uma universidade mesmo, na questão universal. Mas, ao mesmo tempo, tinha muita acolhida dos colegas que eram de outros estados também. E foi muito tranquilo. Eu morei com uma colega da linguística, não é, então era... Morei durante muitos anos com uma amiga que fez linguística, linguística histórica. Então eu tava sempre no IEL ali também. E uma outra coisa era a oportunidade de cursos de línguas, não é, então eu não tinha, eu não passei de cara na prova de inglês, acho que isso é uma coisa importante do programa, que não é obrigatório que você passe na prova de língua, acho que isso democratiza muito o acesso à pós-graduação, e eu não passei de imediato. E eu pude estudar naqueles muitos

curso de línguas gratuitas que tem na UNICAMP. E fiz inglês, fiz francês. Isso foi muito legal.

RHS: *Então, o contato com a revista não foi no mestrado. Você entrou em contato com ela no doutorado, não é? A gente viu, pelo levantamento que fizemos, que você trabalhou principalmente nas edições de 2013. Como é que foi esse processo de entrar no comitê de edição?*

Crislayne: Isso, eu só entrei em 2013 e só participei em 2013. Foi por amigas, tava[m] precisando de gente, aparentemente, na redação e aí eu tinha duas amigas que faziam já parte da... já eram editoras [...] Ele também [Alisson Droppa], em algum momento, participou e ele me chamou também para participar, porque a revista estava passando por um momento de reorganização, muita gente entrando, muita gente saindo. Esse é sempre um desafio de uma revista discente, não é? Quando as pessoas estão pegando o jeito de como a revista funciona, elas já estão se formando, então... Esse entra-e-sai é sempre um desafio. E foi assim que eu tive contato, principalmente com amigos do Programa de História Social da Cultura. O Alisson, a Dani e a Day. [...] Foi assim que eu conheci. Conhecia, é claro, a revista, conhecia as publicações famosas da revista, os números importantes da revista, os números clássicos, mas nunca tinha pensado em trabalhar por dentro da revista. [...]

RHS: *É que me chamou a atenção que foi via convite... Então, não tinha exatamente um pré-requisito. Não tinha necessariamente um critério de entrada. Era meio, “precisamos de gente e venha...”.*

Crislayne: Exato, era mais ou menos por aí. Era uma conversa de bastidores, não é? Precisamos de alguém que tenha interesse na revista. A revista passou por um momento de crise também. Não sabiam se iam continuar mais. Eu acho que ela era trimestral. Aí não queriam, acho que ela era semestral. Aí o pessoal falou, não, vamos transformar em anual.

A gente não tá aguentando mais fazer semestral. estava passando por um momento difícil.

RHS: *A gente vai entrar na revista com mais detalhes desse funcionamento final, porque 2013 também é o último ano de funcionamento dela, então a gente vê que essa crise realmente chegou com alguma força. Mas você identifica alguma afinidade da revista à época com alguma vertente historiográfica, temática ou metodológica? Ou com alguma área de concentração do PPGH? Atualmente, a gente se organiza para que a revista contemple todas as áreas do programa, que são quatro. Na época, você acha que ela está mais atrelada à linha de História Social?*

Crislayne: É... Eu não sei, essa ideia de pensar em todo o programa em si sempre foi um objetivo da revista, mas nunca foi um objetivo fácil de alcançar na praticidade, no dia a dia. Então, eu, por exemplo, organizei um número com a Raissa, que era da história cultural, salvo engano. A Raissa Paz. Então a gente fazia essas formulações. Sempre os editores trabalhavam com diferentes programas, com diferentes linhas do mesmo programa. Mas, sim, acho que durante alguns anos houve alguma concentração em história social.

RHS: *E a revista teve algum papel na divulgação de problemas e questões que não estavam sendo levantadas na linha ou nas aulas? Acho que vocês conseguiam trazer alguns debates que estavam passando à margem das emendas do programa? Ou era bem alinhado?*

Crislayne: [...] Então, os números que eu vi foi o número de história e literatura, que foi o número anterior que eu acompanhei a produção cotidiana, que foi a Daniela Megid quem coordenou, que era dessa linha, não é, que estuda Machado de Assis e escravidão e gênero, lógico, no doutorado. [...] O que eu posso te dizer é que a gente acompanhava as discussões das linhas. Então, é claro, não é? História e literatura foi uma questão inicial do Sidney Chalhoub. Ela

era orientanda do Sidney Chalhoub, que estava desenvolvendo isso. O número que eu organizei foi diferente. Foi diferente porque foi em homenagem ao John, ao professor John Monteiro, que tinha falecido, não é? [...] [E] história indígena não era algo que a gente acompanhasse nos cursos. Nos cursos de pós-graduação, acho que nunca tive uma aula sobre história indígena. Mas foi um número muito localizado em homenagem ao professor John Monteiro. Se você olhar um pouco a revista, eu acho que ela acompanha problemas e debates que estão sendo levantados na linha de pesquisa. É claro que eu acho que a revista trouxe questões como o racismo, por exemplo, questões que não eram discutidas tão abertamente na pós-graduação. Então teve um número sobre o racismo que é bem antigo, que é bem anterior às discussões, mas que parece muito com uma cara de hoje, e já é um número antigo. Então eu acho que sim, acho que em determinados momentos a gente dialogou mais de perto com aquilo que nós estávamos produzindo como orientandos dos nossos professores e em outros é que a gente quis fazer algo em homenagem ou mesmo talvez esboçar uma experiência que os nossos professores não tinham antevisto.

***RHS:** Eu queria aproveitar para perguntar sobre esse dossiê, em homenagem ao John, que acabou sendo o último da revista, antes dessa retomada. Ele corresponde ao número do segundo semestre de 2013 e teve a participação de vários pesquisadores, como, por exemplo, do professor Maurício Arruti, do Departamento de Antropologia aqui da UNICAMP, da professora Maria Regina Celestino Almeida, do Departamento da Universidade Federal Fluminense... E eu queria perguntar como é que foi o processo de montagem desse dossiê? E como foi o convite para os autores dos artigos? Como foi a submissão? Foi um um misto de convites, solicitação de participações? Como se deu a montagem desse dossiê?*

Crislayne: A morte do professor John Monteiro foi muito repentina, foi algo muito traumático, acho que para o campus e... para os orientandos dele e para quem era muito próximo dele, para os amigos. Ele era, além de tudo, uma pessoa muito querida na universidade e nos

diferentes espaços que ele atuou. Então, eu falei com a minha orientadora [para saber] com quem eu poderia falar para começar a elencar nomes que seriam importantes para o dossiê. E aí ela me falou para falar com o professor José Maurício Arruti. Foi a Silvia Lara que me falou e eu conversei primeiro com o professor José Maurício Arruti, convidei ele para fazer a apresentação do dossiê e pedi pra ele alguns nomes, não é? Claro, eu conhecia alguns nomes famosos, como a professora Maria Regina Celestino de Almeida, mas também queria alguns nomes mais jovens, como o Márcio Couto Henrique, que hoje tem uma tese muito importante para a história indígena, não é? *Sem Vieira nem Pombal*. E eu queria trazer esses nomes. O convite foi um pouco, “fale sobre sua pesquisa e se puder também fale um pouco sobre a sua relação com o professor John Monteiro”. Então foi um pouco nessa direção que foram feitos os convites. E foi através desses dois pesquisadores que eu fui encontrando os outros nomes, que eram pesquisadores mais jovens [...], alguns já eram professores. Eu lembro que essa edição demorou muito, por causa da greve de 2013. A greve de 2013 foi muito longa. Foi aquela greve, eu acho, não sei porque as greves vão se confundindo na cabeça da gente, mas eu acho que o motivo era a entrada da polícia militar no campus depois da morte de um estudante, acho que o Denis, aí teve ocupação da reitoria... E a revista era eletrônica e era impressa, então a gente participava do comitê de publicações do IFCH e a gente ficou muito parado, não é? Porque não tinha dinheiro para lançar revista, não tinha dinheiro pra pagar em design, não tinha dinheiro pra fazer nada dentro da revista e a gente demorou muito. Eu lembro que um professor, que já era professor de federal ficou muito chateado comigo porque o número não saía e ele precisava daquele artigo para o quadriênio dele lá da CAPES, que é muito importante, o nosso quadriênio de publicações. E eu lembro que demorou muito para sair. Então foi mais ou menos essa formação, que eu me lembre. A gente conversou com esses professores e tentou procurar nomes que pudessem fazer uma homenagem e que também falassem do John Monteiro enquanto pesquisador, a importância da pesquisa do John Monteiro para a história

indígena, para essa nova história indígena, que é a história dos índios no Brasil, não é? O John Monteiro não queria uma história dos índios apartados do Brasil, mas uma história dos índios, uma história do indigenismo, ele queria os índios na história do Brasil, não é? Era essa a grande bandeira dele. Eu lembro que a capa foi muito bem cuidada, a gente entrou em contato com a Cláudia Andujar, que foi uma experiência fantástica pra gente. Ela foi muito aberta, foi muito receptiva, super generosa. Nós conversamos por telefone, ela não sabia como usar... a gente precisava da imagem em alta resolução e ela não sabia usar scanner. Aí a gente ficou horas no telefone tentando falar com ela como ela poderia fazer a imagem pra gente conseguir uma imagem grande que desse conta pra... pra capa, mas ela cedeu os direitos, foi ótimo. Quem fez esse design foi o Livan, ele era nosso colega também da antropologia, eu acho. E a capa é belíssima, porque o nome é todo... ele procurou, demorou, foi outra coisa que demorou também porque o Livan não entregava essa capa, porque ele ficou todo preciosista com a capa, que já que ele ia usar uma foto da Cláudia Andujar, ele queria fazer as letras todas estilizadas em grafismos indígenas. Então, teve todo esse cuidado. É uma capa bonita, uma capa especial. Mas o que eu me lembre foi esse processo. [...]

***RHS:** Mas como foi a recepção desse dossiê na época? Como é que ele reverberou? Você tem alguma memória de algum impacto que ele tenha tido, de um retorno que tenha chegado para vocês após a publicação?*

Crislayne: Eu tenho... Eu lembro dos e-mails, porque a gente manda um e-mail para todos os autores, e lembro dos e-mails que eu recebi. E eu acho que nunca vou esquecer do e-mail da Cláudia Andujar falando que a capa da revista era bonita e que ela estava aguardando ansiosamente para a gente mandar as versões impressas para ela. E que ela gostou muito do conteúdo e tal. Eu lembro da Maria Regina também, ela respondeu. Maria Regina era uma autora muito requisitada,

não era fácil de encontrar, e ela gostou bastante. E todos os autores estavam muito emocionados porque eram parte da trajetória do John Monteiro. Disso eu lembro bem. Houve uma repercussão interna entre os autores que foi muito bacana, foi muito bem-vinda. A alegria de poder compor algum tipo de homenagem, não é? E a paciência deles, porque realmente demorou muito. Então foi bacana que eles tenham conseguido, de alguma forma, ter uma resposta, mesmo algum tempo depois. Agora, em termos de história indígena, eu não sou da historiografia de história indígena, não é? Eu tenho tentado ser nos últimos anos, eu tenho tentado procurar algum tipo de aproximação da história indígena, de pensar relações entre trabalhadores indígenas e africanos no Atlântico Sul. E aí eu sei que o artigo da Maria Regina Celestino de Almeida é muito citado. Porque ela faz um balanço de área, ela tem alguns artigos desses, que são de balanço de área, e ela faz esse artigo como um balanço historiográfico, trazendo as contribuições do John Monteiro. Então, acho que esse artigo ficou muito famoso na área, e ele é bastante citado, ele é bastante lembrado ainda hoje. E os outros artigos, eu acredito que são importantes porque são todas pessoas que hoje estão muito bem localizadas dentro da academia e que compõem essa nova história indígena. São os nomes que compõem essa nova história indígena. Então acho que é um número bastante procurado e citado por causa disso. Mas acho que o principal é o valor dele é o valor, não é de uma afetação sentimental, não é nesse sentido que a gente queria fazer, mas de um reconhecimento de dentro e do corpo estudantil da trajetória do professor John Monteiro. Acho que esse é o principal valor dele, reconhecer, lembrar e entender qual é o legado dele. E, de alguma forma, como esse legado se espria da UNICAMP [...] para o Brasil. Mas é até aí que vai a minha capacidade de articular qual é a recepção do texto e do número de uma forma geral. Mas foi um número muito, muito prazeroso, muito bom de articular, apesar de todos os desafios.

RHS: *O tema do nosso atual dossiê, de retomada, é 10 anos sem revista História Social. E o nosso esforço foi abrir um espaço para discutir as mudanças historiográficas e sociais transcorridas nesses 10 anos em que a revista esteve inativa. E foram muito curiosas as reações e as discussões que a gente teve sobre os dossiês passados. E uma das questões levantadas foi justamente sobre quais seriam as atuais reações ao título desse 25º dossiê, História e Índios. Eu queria saber como é que você lê essas tensões entre as terminologias passadas e vigentes. E também ouvir um pouco da sua leitura de como essas transformações políticas e sociais da última década transformaram a historiografia de hoje, especialmente no tocante à diversidade e à pluralidade dos sujeitos que ela se propõe a abarcar.*

Crislayne: Eu acho que, sem dúvida, hoje nós já não colocaríamos o título de uma revista [de] *História e Índios*. Hoje é muito mais importante e reconhecido que se chame os povos indígenas como povos indígenas, povos originários. Isso não é uma questão só de nomenclatura, é uma questão, sobretudo, política e da forma como os próprios autores estão pensando formas de autodescrição, como os próprios indígenas se veem e querem ser chamados. Isso é um movimento geracional. Se você procurar alguns indígenas mais antigos, eles ainda falam índios e estão se corrigindo. Então, com certeza, a gente mudaria e não é uma mudança meramente para soar mais politicamente correto. É uma mudança que tem, no fundo, uma preocupação mais atual, com a chegada dos povos indígenas nas universidades, mas sobretudo no poder legislativo, no poder político. Hoje a gente tem o Ministério dos Povos Indígenas [...]. No nosso cenário, isso não era uma pauta, não era uma questão tão importante, a nomenclatura. Talvez a gente já olhasse para os povos indígenas, a gente não, eu não, mas os historiadores que são dessa vertente do John Monteiro já olhassem para os povos indígenas de uma maneira descolonizada, já de uma maneira problematizada mesmo, no sentido de que entendiam que esses indígenas estavam falando por si mesmos e que eram capazes de articulação. Sem dúvida nenhuma essa ideia de objetificação que a palavra índios traz, ela já era uma questão muito debatida na época e

[era] central. Se você pegar os cursos do John Monteiro, todos os seus programas de curso, isso sem dúvida já era problematizado. Mas hoje a gente teria que pensar de uma outra forma [...]. Mas, de novo, essa era a bandeira do John Monteiro, “Os Índios na História do Brasil”... Esse foi o GT que ele criou na ANPUH, os índios na história do Brasil... Então, índios e história tem muito a ver com esse legado, com essa defesa de não criar uma história marginalizada, uma história à parte. [...] Não é possível entender a independência do Brasil sem os povos indígenas. Não são os povos indígenas e a independência do Brasil, não. É de dentro. Não é possível entender qualquer tipo de forma de trabalho na história do Brasil sem pensar nas populações indígenas. Não é uma historiografia que se desenvolve à parte, mas é uma historiografia que muda os problemas, as perguntas, as reflexões que a gente faz em qualquer campo de desenvolvimento da História do Brasil. Então acho que esse título trazia muito... Não sei se isso foi falado, não sei se tem editorial, não lembro mais de nada, mas *História e Índios* tem muito a ver com isso, os índios na história do Brasil, essa velha bandeira, velha na época não, era super nova, na época era uma nova bandeira ainda do John Monteiro, de entender que a história do Brasil é a história indígena. Não são coisas que podem se dissipar. Não é uma historiografia que se desenvolve separadamente. Vamos trazer os índios para a história porque eles estavam lá. É uma questão de reconhecimento e das perguntas que você faz. Então talvez quem olhe para hoje esse título não saiba dessa história, mas tem essa história de fundo, tem essas perguntas de fundo. Talvez a gente mudasse para indígenas. Não sei quais perguntas a gente faria. Talvez a gente chamasse alguém que é especialista na história indígena, não eu, não é? [...] Mas era esse o nosso olhar. O nosso olhar era pensando no protagonismo indígena, porque eu vinha de uma historiografia que pensa no protagonismo dos escravizados, dos trabalhadores, dos artesãos. Então, o protagonismo indígena estava ali, [...] dentro das nossas pesquisas nós olhávamos para esse grupo da mesma forma como nós fomos ensinados a olhar para os outros grupos com os quais nós trabalhamos.

RHS: *Então, eu queria só perguntar sobre essas dificuldades que foram encontradas em 2013, porque foi a última edição da revista, e caso ela tivesse continuado em atividade, agora ela comemoraria 30 anos. O que levou à desarticulação da revista, como ela acabou? Teve algo além dessas dificuldades financeiras, essas dificuldades com a greve também?*

Crislayne: Eu não tenho uma resposta fácil para te dar, porque eu não me lembro detalhadamente do que aconteceu. Eu lembro que eu fui fazer minhas pesquisas, eu acho que esse número saiu e eu já estava indo para Portugal, já estava indo para Angola. Então, eu já não lembro mais das razões de a gente não se encontrar com tanta frequência para discutir a revista. Mas eu acho que uma das questões, essa greve, se não me engano, foi bem longa. Uma outra questão era essa, nós morávamos em diferentes lugares e estávamos envolvidos nas nossas próprias pesquisas e talvez tenhamos sido negligentes com a revista nesse sentido, bem egoístas e esquecemos da revista. Mas eu não lembro dos detalhes, sabe? Não lembro se teve uma reunião e a gente falou que “acabou”. Acho que não houve essa reunião. Eu lembro que a gente tinha essa dificuldade de manter semestralmente. Aí houve uma reunião, inclusive eu estive a favor de tentar manter uma semestralmente, pelo menos mais uma vez. Apesar dos antigos falarem pra gente que não, que era só manter anual mesmo, e eles tinham razão, uma revista anual seria mais factível pra gente que já não tava conseguindo se organizar. Eu acho que uma outra questão foi essa desarticulação entre as linhas de pesquisa no Programa de História. Eu acho que nós, da História Social, ocupamos um espaço demasiadamente grande na revista e não demos o espaço, talvez, para os colegas. Houve até um debate para mudar o nome da revista, porque era *História Social*. E os outros colegas? Como ficam as outras visões do mesmo programa? Não sei se eles se viam ali da mesma forma como a gente se via na revista... Então houve até um debate para mudar o nome da revista. Acho que são esses fatores, a greve, as questões de trajetória pessoal e de pesquisa de cada um, nós somos de

diferentes estados, nós estamos em Campinas. E talvez, talvez, é que eu já tô viajando, já tô elucubrando, talvez essa questão dos colegas não terem se visto mesmo na revista pra tomar a frente, para propor dossiês, já não respondiam mais os e-mails. E as coisas meio que se desarticularam. Eu lembro que tentaram entrar em contato comigo há alguns anos pra me pedir senha de alguma coisa. Eu não lembro se eu passei, se eu lembrava. Mas é isso. Já não lembro dos detalhes.

RHS: *Essa ideia que surgiu de trocar o nome da revista... Isso aconteceu em 2013? Foi um debate que vocês se propuseram ou foi algo trazido até vocês?*

Crislayne: Eu acho que foi um debate de dentro mesmo, dentro dos editores, dentro do grupo. Eu não lembro nem quem eram todos os editores. Minha memória seletiva, eu lembro da Raissa e lembro dos meus amigos. E lembro, talvez, do Marcos, da linha de história cultural. Mas acho que partiu de dentro mesmo, foi algum comentário, algum burburinho. “Tem que mudar esse nome, esse nome não reflete a diversidade de quem nós somos enquanto um pensamento historiográfico mesmo”. E talvez não reflita mesmo, não sei. Talvez seja uma questão para se pensar até que ponto a gente não acabou selecionando uma parte dos colegas apenas e os outros não se sentissem tão representados ali. Talvez essa fosse uma questão importante e isso tenha desmotivado os outros colegas, mas isso surgiu de dentro, era um rumor constante, digamos assim, e nós não chegamos a nenhuma conclusão sobre isso.

RHS: *Ao longo do seu tempo de atuação, você participou da realização de dois dossiês, História e Biografia e História e Índios. Além do trabalho como editora, você também publicou um artigo, “Pagando as Fintas para São Jorge e a Festa do Corpus Christi em Lisboa e Vila Rica, no século XVIII”. Eu queria fazer algumas perguntas sobre a forma como a revista funcionava, os vínculos que ela criou, as formulações dos dossiês... Hoje em dia, especialmente no pós-pandemia, mas pelo que você está contando, acho que isso já acontecia antes, não é? A pós-graduação,*

quando ela sai das atividades de sala de aula, acaba ficando muito concentrada em ambientes digitais. As nossas reuniões da revista, por exemplo, são todas online. E, pelo que eu estou entendendo, na época, os editores também estavam todos um pouco espalhados. Vocês se reuniam com frequência? as reuniões aconteciam online? Elas eram presenciais? Aconteciam no campus, fora do campus...?

Crislayne: As nossas reuniões aconteciam... não existia *Meet* e *Zoom* naquela época, não é? Então, as nossas reuniões aconteciam no campus, naqueles, normalmente, naqueles quadradinhos ali em frente ao programa de pós-graduação... e a gente se reunia ali. Eram reuniões marcadas acho que mensalmente, normalmente eram dirigidas por quem era o editor do número. Então o editor responsável meio que dirigia e fazia a distribuição das tarefas. E era assim, não lembro mais os detalhes. Eu lembro que a gente tinha o trabalho, daí o trabalho da editoração, de fazer orçamento de todas as etapas, porque o IFCH arcava com o pagamento da revista. Eu lembro que a gente tinha que participar das reuniões de publicações do IFCH [...]. Então, em toda reunião, acho que era a Simélia que mandava pra gente o e-mail para que a gente participasse também dessas reuniões no IFCH. Em geral, era assim, os editores daquele número eram responsáveis por distribuir as tarefas. E era... Era sempre um desafio encontrar pareceristas, era difícil porque é uma revista discente, então nem sempre é fácil encontrar parecerista que esteja interessado em fazer os pareceres. Era sempre um desafio, você sempre mandava cinco *e-mails* para ter uma resposta. Mas a gente fazia essas distribuições de tarefas [...].

RHS: *Você chegou a comentar que vocês estavam acompanhando, ao menos um pouco, as discussões da linha... Claro que às vezes isso se extravasava dos limites dos debates da pós-graduação. Mas como é que editar a revista contribuiu para a formação na pós-graduação?*

Crislayne: Editar a revista é muito importante, não é? É importante porque é uma linhazinha lá no seu *Lattes*, mas também é importante porque

you learn all this work of being an evaluator of an article, but first a reviewer, right? Of course you won't be the evaluator, you'll be the reviewers, the evaluation is blind, but you'll read that article, you'll look for connections between those articles that you're compiling for a dossier. This work of revision, of editing, is an incredible work. And without talking about more practical things, of learning to talk with the designer, learning to choose the various pages, learning to talk about what's closer to what you imagined or not, is a big challenge. And I think it's fundamental, I think that this work of commenting, revising, learning with the other, learning especially to work in a team, that I don't know if people learned so well, but learning to work with colleagues, learning to delimit tasks, being able to count on one another, I think that's fundamental, and the environment of debate was very open, in the sense that anyone could comment on the work that was being done. It was very horizontal our experience of meetings and of debating the topics and what people wanted to propose. I think... I think that's this, this environment of a horizontal debate between colleagues who are in formation and at the same time learning to write better, to learn better, to select articles, to do this little work, of formulating, of composing a number. I think it's very, very valuable. In the end, the effort is worth it. I like the number. I didn't know it was *history and biographies*, the previous one. I only remember the cover, that I wanted very much that it was a woman on the cover, reading a book. And I think that was the same. I like the covers, you're noticing. The person doesn't say anything, only remembers the cover. But it was very nice. I learned a lot with my colleagues. But it's this, my experience was super fast, right? [...]

RHS: *E aproveitando esse contato com os colegas, com amigos do programa, e retomando o que foi levantado já a respeito da forma de se organizar do Programa que tem as diferentes áreas, as diferentes linhas. Na maioria das vezes, os estudantes acabam ficando com contatos restritos às disciplinas e aos grupos de pesquisa. E eu queria aproveitar para perguntar se a revista foi um espaço que contribuiu para esse diálogo entre diferentes áreas, diferentes linhas?*

Crislayne: Eu não tenho dúvida que sim, que a revista era muito importante para a gente se conhecer e para propor assuntos que talvez não fossem da nossa área. [...] Mas, com certeza, a gente... Acho que isso já acontece em algumas disciplinas. Tem algumas disciplinas teóricas que a gente faz junto, que a gente pode fazer junto, não é? Eu lembro que eu fiz uma disciplina com Luiz Marques, eu acho, que era sobre capitalismo e o fim do mundo, o capitalismo e o colapso ambiental. Era aquele livro que depois ele escreveu. E eu lembro que tinha gente de todas as linhas ali fazendo aquela disciplina, até porque a gente pensou que era uma disciplina teórica, com um grande historiador da história da arte, que iria abrir o mundo pra gente, e toda aula era uma catástrofe ambiental. Eu virei vegana por um ano depois disso, porque era deprimente a disciplina. Então, acho que existem outros espaços em que a gente se encontra. Mas, sem dúvida nenhuma, a revista é um ambiente de diálogo. Só que a minha experiência não foi tanto assim, porque os números que eu peguei foram todo mundo da minha linha, praticamente, que encabeçaram ali. [...] Talvez seja interessante, não é, numa nova gestão, ter temas que perpassem a todos mesmo, que seja uma preocupação coletiva. Mas, no cotidiano, no dia a dia, as tarefas acabam ficando para algumas pessoas mesmo, que acabam levando a revista, não é? Mas, sem dúvida, eu acho que é um ambiente interdisciplinar interessante para nós pensarmos em outros teóricos, em um outro debate que não seja aquele que a gente está em formação ali no cotidiano da nossa linha ou da nossa área específica.

RHS: *A gente estava discutindo um pouco sobre o processo de chamada para publicação e o sobre volume de textos que vocês costumavam receber... Em especial o dossiê em homenagem ao professor John Monteiro foi composto por uma sequência de convites porque era, justamente, uma edição de homenagem. Mas o volume de História e Biografia, por exemplo, eu imagino que tenha sido uma chamada aberta para o envio de artigos. Queria entender um pouco como era essa chamada, como eram os processos de divulgação e também se vocês tinham uma boa resposta? Era uma revista que permeava bem as redes de pós-graduação?*

Crislayne: A gente sempre tinha problemas com isso, não era algo fácil, não. A gente não tinha tantas respostas, tanto é que a gente sempre pedia, recorria aos colegas, não é, fazia alguns convites informais, digamos assim. “Olha, tem um dossiê”, “o dossiê está aberto... você tem interesse de publicar?”, “é o seu tema...”, “é um tema próximo...”. Ou mesmo professores, professores que fossem compor aquele dossiê. Então, a gente sempre pedia pra alguém, era mais ou menos por aí. [...] Que eu me lembre, a gente não tinha uma grande resposta, não. Era sempre difícil, a gente sempre tava lutando pra formar os dossiês, e mesmo a seção de artigos livres não era uma seção imensa, a gente recebia pouco material. Que eu me lembre, a gente já tinha uma conta, não lembro disso, não sei se eu tô inventando, no *Facebook*, eu acho que a gente publicava [...]. E se não, eram convites por *e-mail* mesmo... A nossa principal forma de divulgação. Não lembro se a gente fazia divulgações pelo IFCH, colando nas paredes, isso eu também não recordo. O que eu me lembro era a conversa por *e-mail*. Então, mesmo que você não fizesse um convite, digamos assim, [...] você podia enviar alguns *e-mails* estratégicos falando, “olha esse dossiê sobre o seu tema”, “seria um prazer contar com o artigo seu”, “se você puder mandar um título pra gente já ter de antecedência”, só pra gente já ir, pelo menos, tendo alguma coisa, alguma coisa a gente tinha, não é? Pelo menos uns cinco ou seis artigos pra gente ter lá. Então, era mais ou menos por aí. E eram chamadas abertas, sim. Que eu me lembro eram chamadas abertas. [...]

RHS: *Mas, já se encaminhando para o fim, a gente queria tratar do eixo central do dossiê de retomada da RHS, 10 anos sem a revista História Social. Em relação ao “ontem e o hoje” da revista, na sua avaliação, qual foi o papel que a RHS desempenhou entre 1994 e 2013? Pensando nas mudanças que a Academia tem vivido nesses últimos dez anos — por exemplo, a acentuação da cobrança de publicação, a diversidade de temática, a consolidação de novos campos de estudo, algumas revisões e abordagens frente ao ingresso desses novos perfis na Academia Brasileira... — considerando tudo isso, qual seria o papel a se esperar da revista nos próximos anos?*

Crislayne: É uma pergunta difícil, mas eu acredito que a revista *História Social* tem um papel fundamental ao trabalhar com questões que são um pouco delicadas e que inovaram muito. Então, eu tenho sempre na memória o dossiê *Racismo, História e Historiografia*, que é um dossiê... De quando que é esse dossiê? Acho que é um pouco tempo antes, é um dossiê de 2011, 2010, e é um dossiê que traz questões fundamentais, não é? Sobre questões de cor, de raça. E é um dossiê que, eu acho que isso, é importante. A revista, apesar de ser uma revista discente, sempre contou com a publicação de grandes nomes da historiografia. Então, todo dossiê tem sempre um nome fundamental. Que não fazem um texto qualquer para ser publicado numa revista de estudantes, não é por aí, que fazem um texto coerente, um texto importante, que traz novidades para a historiografia. Então, acho que a revista sempre publicou nomes de peso que são formados na UNICAMP [...]. Então acho que a revista sempre andou de lado a lado com as questões que a gente discute em história social e, é claro, história social inglesa, mas que vinha se abrindo para pensar outras dinâmicas ou outros arquivos. [...] problemas centrais para essa área, para esse programa de história social e que [a revista] sempre contribuiu [com,] trazendo temáticas e autores de peso para as discussões. Então, não é qualquer revista, é uma revista importante de estudantes preocupados em produzir um debate de alto nível. Então, ele tem um impacto que eu acho que é duradouro. E são textos que são citados. São citados em monografias, em dissertações, em teses, em livros. E eu acho que isso é relevante para se pensar. Mas seria interessante fazer essa análise, eu acho, de quais temas estavam sendo discutidos ao longo das nossas pesquisas e quais temas nós desenvolvemos na revista *História Social*. Acho que seria um trabalho interessante para pensar melhor o lugar da revista. Mas, sem dúvida nenhuma, não é qualquer revista discente. É uma revista discente de muito peso, de muita história, e que inovou ao trazer algumas temáticas que só hoje aparecem como lugar comum, mas que na época eram muito diferentes.

RHS: *Sem dúvidas. Eu queria fazer uma última pergunta, considerando o passado e o presente da revista, pensando também nesses atuais formatos de publicação, nesse protagonismo que a revista teve, e que nós esperamos que continue tendo. Você teria alguma sugestão ou gostaria de ver algo diferente que a revista pudesse trazer?*

Crislayne: Tem um número que acho que é a revista da história social inglesa, que é mais antigo, eu acho, [e] que para mim, que não era familiarizada com os debates da história social inglesa, foi importante. [...] talvez, repensar hoje esses cânones da nossa historiografia [...]. Eu acho que talvez um balanço, pensando nos 100 anos aí de Thompson, da presença de Thompson, [...] a gente poderia repensar: que legado é esse? Quais são os seus limites? Quais são os seus silêncios? Acho que seria interessante um volume dois de história social inglesa. Thompson 100 anos depois. E eu acho que seria um caminho bacana para... Enfim, pra refletir. Mas não sei, outras sugestões? Não faço ideia. Boa sorte pra vocês. É muito difícil fazer um projeto coletivo enquanto estudante de pós-graduação, tendo seus próprios desafios pessoais para se manter na pós-graduação e tudo mais. Mas vale a pena, acho que vale a pena e que vocês sejam melhores que a gente.

Entrevista com a Dra. Márcia Carolina Cury

RHS: *Queria começar com uma pergunta um pouco aberta sobre a sua trajetória profissional. Existe um consenso, pelo menos geracional, de que é quase impossível termos umattes que represente a nossa trajetória de uma forma transparente, que dê conta da diversidade de coisas que atravessam a nossa formação e atuação. Mas, acompanhar o seu percurso depois de sair da UNICAMP foi mais difícil do que com os demais entrevistados. Então, eu queria saber se você se incomoda de começar essa entrevista se apresentando um pouco para a gente e para os nossos leitores — esperamos que tenhamos leitores.*

Márcia: Tá, já é uma pergunta interessante porque eu terminei o doutorado em 2013 e, entre 2014 e 2018, eu estava em Salvador [...] atuando lá como professora, na UNEB, numa instituição privada, no Centro Universitário Jorge Amado. Orientando, dando aula de metodologia, enfim, atuando mesmo. E aí surgiu a oportunidade do pós-doc, em História. Aí eu fui pro Chile, fiz pesquisa no Chile de pós-doc, e, assim, no final, já nos últimos dois anos do pós-doc, eu meio que entrei numa crise. Eu já, não sei, eu estava sentindo que a história [...] não ia ser mais... [que] a minha trajetória não ia ser mais na história. E foi muito inesperado até para mim, porque o meu doutorado, sim, eu tive muita alegria com o meu doutorado, foi um resultado que eu adorei, [...] foi uma experiência incrível [...] o retorno, o *feedback* com o resultado foi muito positivo. Publiquei meu trabalho no Chile. Acho que isso, para mim, foi maravilhoso. Mesmo outras referências em história do Chile, no Brasil, não tinham publicado lá. [...] Então, foi surpreendente até para mim, que, ao final, eu sentisse que não me identificava mais.

E aí eu finalizei o meu pós-doc, publiquei os trabalhos. Mas eu já estava decidida que, assim que terminasse o meu pós-doc, eu ia seguir outros rumos. E foi bem, assim... Durante a pandemia também. Teve a ver com isso, não é? Acho que a reclusão teve um... teve um impacto em todo mundo, assim, de algum modo. Foi um período pra mim pra

repensar mesmo. Eu saí do Brasil e decidi seguir caminho na psicologia. Tô começando agora um mestrado em *counselling* aqui nos Estados Unidos e tô decidida, quero ser terapeuta, seguir com yogaterapia [...]. Por isso a dificuldade [de acompanhar a minha trajetória], porque eu me desliguei completamente. E não é fácil, não é? Não é uma decisão fácil. Não é uma decisão simples. Mas, agora, eu já estou mais tranquila com a decisão. Agora, já passou o parto.

RHS: *Sim, eu imagino, ainda mais nesses anos de pandemia... e a trajetória da pós-graduação.... que também atravessava um momento de muita incerteza, muita insegurança.*

Márcia: Eu acho que os anos que eu trabalhei na Bahia, foram anos, foram anos um pouco lentos em termos de concurso. A gente estava com muita incerteza em relação ao futuro da profissão na universidade pública. [...]. Então, [...] acho que também contribuiu para essa incerteza em relação à carreira, de certo modo. Ou incerteza, ou pelo menos te leva a refletir sobre. É isso. Então, há várias coisas envolvidas.

RHS: *Querida continuar perguntando um pouco da sua trajetória dentro da historiografia. Você fez a graduação e o mestrado na UNESP e seguiu para a UNICAMP para fazer o doutorado. Essa é uma trajetória bastante comum para os estudantes de pós-graduação: fazer a graduação e por vezes o mestrado em outras instituições e, depois, migrar para outra universidade. Nesse sentido, queria saber mais da sua chegada na UNICAMP e sobre o seu contato com a revista História Social.*

Márcia: Eu posso dizer que foi uma virada de página para mim, ir para a UNICAMP. Porque... por diferentes razões, assim. A UNESP [...], por ser descentralizada, a gente acaba ficando um pouco ilhado no nosso campus. Essa já é uma diferença grande em relação à UNICAMP, onde a gente tem uma maior congregação entre os estudantes, inclusive de diferentes institutos, de diferentes cursos, isso ajuda bastante. Segundo, eu

tive uma experiência um pouco problemática no meu mestrado[...], finalizar a minha dissertação foi bem, foi um processo doloroso para mim, foi um processo difícil, e eu quase abandonei, assim, quase desisti da carreira acadêmica depois do meu mestrado [...]. Eu tinha muito em mente um projeto que queria desenvolver, eu tinha ideias que queria desenvolver, que eram justamente o que levaria ao meu doutorado. E, na época, o meu ex-companheiro, Vinícius, estava indo para a UNICAMP, para o doutorado dele. A gente tava se mudando pra Campinas e ele foi o grande incentivador, assim. “Não, bora ver na UNICAMP, vamos fazer”. Mas eu já vinha, assim, meio que paquerando a UNICAMP, por conta, principalmente, da professora Evelina, não é, na Ciência Política, pela trajetória dela na área dos estudos de América Latina. E aí, quando a poeira foi baixando e tal, comecei a desenvolver, colocar no papel as ideias e tal, aí eu falei: “não, bora, vamos prestar, não é?”. O Vinícius também me incentivou muito, não desisti. E foi, assim, uma experiência muito boa, muito positiva, chegar na UNICAMP, por diferentes aspectos. Esse, de ter uma essa proximidade entre os cursos, tá todo mundo ali muito próximo, você tem um diálogo. Eu acho que às vezes nem é muito visível esse diálogo que existe entre as áreas, por exemplo, a ciência política e história, às vezes nem é muito visível, mas ela existe, esse diálogo existe. Eu achei a recepção na ciência política muito positiva para alguém que estava vindo da história, o que não é comum, muitas vezes. Acho que as disciplinas às vezes são muito ensimesmadas, são muito fechadas, e eu até tinha esse receio em relação à ciência política, não achei que a abertura fosse ser muito grande, mas foi, o que foi positivamente surpreendente para mim. E isso, não é, o fato de encontrar estudantes de diferentes universidades chegando à UNICAMP, também foi algo muito positivo, assim, e faz a gente relaxar, sentir que você não é, não vai ser ali um estranhando ninho, tá todo mundo ali no mesmo barco, com diferentes trajetórias. Então, assim, na época mesmo, a minha turma, eu fiz disciplinas com o pessoal do mestrado também, tinha gente de tudo quanto é lugar, tinha gente do Rio, tinha estudante internacional, tinha outros estudantes da UNESP, de outros *campi* da UNESP, então, eu

senti, assim, um ambiente muito positivo, muito acolhedor, um ambiente muito produtivo, porque isso enriquece demais o debate. Tinha estudantes de Geografia, Ciências Sociais, História e Economia, de diferentes áreas. Então, eu achei que a experiência na UNICAMP foi enriquecedora em todos os sentidos pra mim. Todos os sentidos. O IFCH pra mim é muito especial nesse sentido. Os professores, os estudantes. A experiência como um todo. Os funcionários, tudo. Tudo foi bem positivo. E os amigos que a gente faz.

RHS: *E, assim, na sua chegada, você já conhecia a revista História Social? Como se deu o seu contato com ela? A circulação dela se dava na pós-graduação aqui da UNICAMP, mas talvez também num círculo mais amplo pelos quais você passou? E, na sua avaliação, qual era a dimensão da revista na época?*

Márcia: Então. Eu não conhecia na época, até porque, como eu estudava um tema sobre o Chile, estudos de América Latina, pensamento político, eu não estava ligada nas discussões do mundo do trabalho, a que a revista *História Social* é mais ligada. Então, eu não conhecia, ainda. Na UNESP, eu cheguei a colaborar com a revista da pós. E aí, quando a gente chegou na UNICAMP, eu digo “a gente” porque a minha trajetória e do Vinícius, nesse período, a gente pode contar uma trajetória conjunta, aí, o Vinícius, ele, conforme começou a se envolver nas atividades da pós, foi trazendo esse tema pra casa, vamos dizer assim. E ele era muito ativo no GT, começou a se tornar ativo no GT, participar das reuniões. As reuniões da pós começaram a trazer a temática da revista e de sua reativação. Então, nessas discussões da pós, na história, sobre a revista, sobre a reativação da revista, ele trazendo esse tema pra casa, e a gente conversando... eu também comeci a me ligar no GT, porque aí a minha temática de estudo também mudou— eu saí do do pensamento político para estudar os trabalhadores no Chile, os movimentos sociais. Eu já estava também me aproximando dessa outra linha de estudo e a me interessar pelas leituras da história do trabalho. [...] E aí quando surgiu a ideia, [...]

de reativar a revista, imediatamente eu me interessei, assim, “ não, bora. Bora fazer junto, não é?” [...] Quando eles começaram a articular e marcar as primeiras reuniões para essa reativação, eu já me disponibilizei [...] Eu não sei se vocês vão entrevistar o Vinícius e o David Lacerda. Se vocês não pensaram, acho que são nomes centrais para vocês entenderem essa retomada da revista na época, porque eles estavam ali no núcleo das discussões, na pós e no GT, no “Mundos do Trabalho”. Então, ali foi que começou essa... porque, assim, quando essa discussão veio à tona, a gente sabia da importância que a Revista tinha e viria a ter. [...] Tanto que quando eu recebi o seu e-mail, Lina, me espantou o fato da Revista estar, vamos dizer, desativada, parada há tanto tempo. Foi um espanto para mim. Foi um espanto e não foi, ao mesmo tempo. E aí eu digo porquê. Para mim foi um espanto porque, para mim, a revista *História Social*, ela tem um, ela tem um papel importante não só para publicações de estudantes da pós-graduação da UNICAMP [...] [ela] vai muito além disso. E esse foi um pensamento também que a gente alimentou na época, de ser um espaço de diálogo com publicações, com pesquisadores de fora da UNICAMP e até de fora do Brasil. Acho que vocês até perceberam um pouco esse movimento em algumas publicações que a gente organizou, que era mesmo dar espaço [...]. Então, assim, a ideia era mesmo ser um espaço, vamos dizer, de excelência de publicação de História. E acho que a gente teve bastante êxito [...]. Então, por isso que me espantou quando vocês disseram que estava parada, porque acho que [ela] [...] estava alcançando, retomando, vamos dizer, um patamar bastante positivo e importante dentro das publicações de História no país [...]. [...] A discussão era nesse sentido, “vamos retomar e dar cada vez mais espaço para as publicações do mundo do trabalho”. E esse diálogo com a turma do Rio de Janeiro, as pesquisas estavam crescendo, assim, demais. Muitos temas bacanas, muitos temas importantes, muitos diálogos com pesquisadores não só da América Latina, estava crescendo muito essa interlocução. [...]

RHS: *Vou aproveitar, já que estamos falando sobre edições ilustres, para tratar da contribuição que a revista História Social deu para a constituição de debates muito consistentes à época. Alguns dos meus dossiês preferidos são desse período e tem um, muito célebre: o número 19, “Racismo, História e Historiografia”, que tem uma quantidade de autores muito, muito consolidados e relevantes no campo... a Silva Lara, o Sidney Chalhoub, a Wlamyra Albuquerque, o Petrónio Domingues, o Robert Slenes, o Jerry D’Ávila e o Walter Fraga Filho. É um dossiê extraordinário. Ficamos nos perguntando sobre como surgiu a ideia de trabalhar o tema do racismo na historiografia e como foi feita a idealização do volume.*

Márcia: Então, essa pergunta, assim, de certa forma, traz uma resposta mais geral. Porque, se você observar os dossiês [...] trazem uma diversidade de temas. Você tem mídia, num dossiê; aí você tem escravidão em outro, aí você tem revoluções em outro. E aí, se você observar os editores, os temas têm muito a ver com o que os editores estavam estudando, com as temáticas [com as quais] a gente estava envolvido. Isso mostra um pouco a dinâmica do nosso trabalho, porque a gente se reunia e a ideia era que todo mundo trouxesse uma contribuição: “E aí, qual é a ideia para o próximo dossiê? Quem se voluntaria para coordenar o próximo?” Porque a ideia era que houvesse rotatividade, que todo mundo trabalhasse e todo mundo contribuísse. Então, esse, por exemplo, de racismo e escravidão — eu não vou me lembrar o nome dela agora, mas eu me lembro que havia pessoas no grupo, ali dentre os estudantes da pós, orientandos do Sidney Chalhoub [...] — era uma discussão bastante... havia trabalhos muito fortes, como você mencionou, Silvia Lara... tinha uma série de estudantes ali desenvolvendo pesquisas nessas temáticas com eles, fazendo parte da revista, do corpo editorial. Então, todas as temáticas eram trazidas desse modo. Tinha muito a ver com a temática que cada um de nós estava envolvido. E aí, obviamente, a gente discutia quem vai coordenar ou quem traz uma ideia. “Ah, você trouxe a ideia. Você está afim de coordenar? Tá, você está trazendo essa ideia, mas qual a viabilidade? A gente conhece pesquisadores que a gente pode convidar, tá tendo

bastante publicação, tá tendo bastante interesse nessa temática?” [...] a dinâmica era mais ou menos assim. Então, e aí a cada dossiê a gente também obviamente já pensava em quem convidar para escrever a apresentação, ou convidar para publicar um artigo. E, obviamente, a temática do dossiê “Racismo e Escravidão” não seria difícil para nós, com a Silvia e com o Sidney bem ali, e colaborando com a gente, colaborando com a revista. [...] Assim, a gente também evitava correr o risco [...] de saírem dossiês muito monográficos, se é que você me entende. [...] Eu me lembro muito bem no dossiê, acho que foi o de mídia mesmo, [tivemos] [...] uma discussão, assim, um pouco mais longa nesse sentido, não é? “Tá, mas mídia? Como assim? Como não deixar um dossiê muito limitado, muito fechado? Que só a fulana e o amigo da fulana publiquem? [...] Quem a gente pode convidar, como a gente pode ampliar? Gerar interesse de outros pesquisadores?”. Então, a gente tinha muito essa discussão para evitar isso. E alguns eram absolutamente bem-sucedidos, como esse, por exemplo, “Escravidão e Racismo”. Por conta dos nomes importantes [...] [e de] estudantes, estudantes com pesquisas excelentes, [por conta das] pessoas próximas do GT ou pesquisadores próximos do GT que podiam contribuir. [...]

***RHS:** Tem uma coisa muito incrível do que você falou e eu acho que reverbera muito com as nossas próprias preocupações na hora de montar um dossiê. Digo isso porque, com a desativação da revista, perdemos o know-how da construção de dossiês: é artigo livre? É dossiê? É fluxo contínuo? E me chamou muito a atenção o fato de que vocês, quando montavam o dossiê, já tinham pessoas específicas em mente pra tentar chamar, pra fazer parte daquilo. Então, uma das primeiras coisas que eu queria te perguntar nesse sentido é como se organizavam os convites e as chamadas abertas para as edições?*

Marcia: [...] Quando a gente pensava no dossiê, a gente pensava em convites, porque era uma forma de fortalecer a revista, de dar visibilidade. A gente, obviamente, estava preocupado com o *Qualis* também — por isso a gente se esforçou muito para manter a periodicidade. Então, assim,

a gente pensava nos convites, mas havia chamada pública. [...] A gente pensava em reservar um espaço, quando possível. Nem sempre a gente tinha um nome para convidar. E às vezes você tem, mas você não sabe se a pessoa vai aceitar justamente por não ter aquele *Qualis* que muitos pesquisadores querem. Era uma aposta, a gente não podia depender só de convites, tínhamos que fazer essa chamada pública. E assim, pelo menos pra mim, pelo fato de eu estar na ciência política, por exemplo, eu tinha um pouco esse pensamento também de abrir, de ampliar para além da História, dos pesquisadores estudantes de História. [...]

RHS: *Acho que isso é muito visível quando a gente olha para os dossiês que foram produzidos nesse período. Tem uma consistência de publicações muito notável.... Tenho duas outras questões. Em primeiro lugar, temos um problema hoje em dia que é o crescente número de revistas de pós-graduação. Já existem muitas revistas de pós-graduação em História circulando e isso dificulta a adesão aos dossiês que vão saindo. Fico me perguntando, em primeiro lugar, como era a adesão, à época, tanto dos estudantes de pós-graduação, quanto dos próprios professores. Como era esse processo também de convencimento, não é? Já minha segunda questão é mais uma curiosidade. Queria saber um pouco sobre o alinhamento metodológico e teórico do quadro editorial da revista. Falo disso pensando que, atualmente, o programa de pós-graduação em história está muito fragmentado. Temos quatro linhas muito distantes umas das outras, e parte do nosso esforço é tentar promover um outro tipo de intercâmbio entre elas, aproximando os estudantes das diferentes linhas. Por isso, o nosso viés metodológico é muito diverso, juntamos pessoas de áreas muito distantes e com perspectivas muito distantes de trabalho.*

Márcia: Na época, a gente tinha uma diversidade no grupo. Mas... eu acho que acabou predominando mesmo [as linhas de] “Mundos do Trabalho” e “Escravidão”. Não sei dizer porquê. Talvez tenha sido uma vitória política ali no grupo. [...] É difícil capturar [...] como a gente conseguiu desenhar, dar essa cara teórica e metodológica. Mas acho que tem a ver com quem estava mais ativamente envolvido com a revista.

[...] Porque, no fim, quem está ali há mais tempo, trabalhando há mais tempo, acaba coordenando, tomando algumas rédeas, acaba, de algum modo, desenhando como as coisas vão se encaminhar. E aí quem acabou ficando no grupo, quem ia ficando e trazendo ideias, propondo temáticas e convidando, acabaram sendo pessoas dessas duas linhas. Que a gente fala duas linhas, mas que acabava sendo quase que uma coisa só. Então, acho que tem muito mais a ver com as características, os interesses, [...], a identificação teórica e metodológica dos membros que [do comitê editorial] [...]. Porque a Revista era aberta para todos também. Era a revista *História Social*, mas era a revista do programa de pós-graduação. Mas, quem se envolveu mesmo, no fim, foram pessoas ali do “Mundos do Trabalho” e da “Escravidão” [...]. Você tinha outros, mas esse era o núcleo duro, vamos dizer, da revista. Então, por isso que acabou dando uma cara. Por mais que, vez ou outra, abrisse[mos] para outras temáticas, posso trazer o exemplo da mídia de novo, que acabava estando um pouco fora dessas discussões, o núcleo duro acabava ficando ali entre os dois mesmo. [...] Quando eu disse que esse período da revista inativa me surpreendeu, mas não tanto, eu digo não tanto porque eu acho que o interesse dos estudantes em participar dessas atividades, desse tipo de trabalho, ele foi se esvaindo mesmo [...] com o tempo. Naquele momento [...] já era difícil angariar pessoas, porque é um trabalho voluntário e dá trabalho. Dá trabalho manter a revista, não é uma coisa que você faz de vez em quando, quando você quer. Então, angariar pessoas ali para vir trabalhar na revista e ficar [já era difícil]. Porque às vezes pode aparecer alguém, fica um número e vaza. Então, assim, não me espanta nesse sentido. É esperado que, de certa forma, o pessoal meio que se desligue, não tenha tanto interesse em participar e manter a revista. Acho que, nesse sentido, quando você tem professores que ajudam, que colaboram, que chamam o estudante, isso ajuda. Acho que o orientador tem uma influência muito grande nesse sentido. Então, os professores da História, o Fernando, o Sidney, a Silvia Lara, eles tiveram uma contribuição importante, de influenciar os orientandos a participar. E quando eles colaboram com o texto, com a apresentação, com isso,

aquilo, dá um peso também para a revista, faz os alunos se interessarem. Enfim, eu acabei desviando um pouco, mas tudo isso para reforçar que [...] você criar um grupo [...] interessado em dar uma cara para a revista, [em] fazer aquilo ter periodicidade, [em] fazer aquilo funcionar, não é simples. E quem acabou ficando deu essa cara. Então, acho que por isso que você conseguiu identificar um pouco o perfil da revista. Mas tem muito mais a ver com quem ficou do que com uma intenção. Acho que foi muito mais um resultado do que um projeto. Se eu puder dizer assim, foi mais um resultado do que um projeto pensado.

RHS: *Eu queria só fazer mais uma pergunta sobre isso, porque acho que você tocou num ponto que é muito interessante. A gente está fazendo essa série de entrevistas, e tem sido muito legal notar a correlação entre um certo ambiente da época e o otimismo em relação à revista ou a falta de otimismo em relação à revista. Por que eu estou falando isso? O seu período de atividades também foi um momento de expansão universitária, de aumento de participação e diversidade no âmbito do ensino e da produção de conhecimento. E, coincidentemente ou não, foi o momento em que a periodicidade da revista foi aumentada de forma mais estrita. Então, eu fiquei pensando sobre como eram os ânimos, o humor e os afetos que circundavam a produção da revista? E qual a correlação disso com o momento da UNICAMP e do país?*

Márcia: Deixa eu pensar. Eu acho que em termos de expansão das universidades, mesmo dos cursos de história e tal, eu não consigo, honestamente — mas isso é uma perspectiva muito particular — eu não consigo ver muita correlação do muito impacto disso na *História Social*. Porque, se você observar as contribuições, mesmo as contribuições de professores que estão de fora, são professores que já estão ali com uma certa trajetória já. Eu não vejo muita correlação. Mesmo na Bahia, o Gino, a Yacy, o Robério... [...] Mesmo esse pessoal que já tava na Bahia, tipo o Gino, [...] a UFBA [...] já tá ali consolidada. Então, não sei. Acho que a questão do otimismo, talvez, pelo momento político. O momento político, sim, acho que tem muito mais a ver com esse ânimo do envolvimento nas publicações, nos

encontros, nos congressos. Tinha ali um maior otimismo, vamos dizer [...]. Eu acho que teve muito mais a ver com uma coincidência e com um grupo que acabou engrenando; que acabou dando certo, fluiu. Eu acho que acabou sendo mais uma coincidência de um grupo que conseguiu fazer a coisa fluir, que estava interessado, estava engajado. Acho até, pelo fato de a revista estar [...] lenta por um tempo, nem lembro se estava inativa, já não tenho essa recordação. E quando veio essa discussão, “não, vamos botar para funcionar. A gente está fazendo tanta pesquisa, tem tanta coisa para mostrar”. E aí quem abraçou, abraçou. Eu acho que tem muito mais a ver com o espírito que encaixou. Não vejo essa relação direta com essa questão da expansão das universidades. O momento político, talvez. Acho que trouxe um ânimo maior para as Ciências Humanas, para a História. Acho que trouxe, sim, um *up* para a gente na época. É interessante falar isso, porque eu nunca tinha parado para pensar nesse aspecto. Mas se a gente pensa na contraposição, no que foi a vitória do Bolsonaro, por exemplo, o impacto que aquilo teve, aí você consegue ter uma perspectiva, eu acho, quando a gente põe em oposição os dois momentos. Aí eu consigo captar o espírito de novo. Porque a vitória do Bolsonaro, pelo menos... foi uma bomba, assim... foi uma bomba.

RHS: Foi um impacto, não é? Tem sido também, a gente não sabe para onde vamos, mas...

Marcia: Sim, teve um impacto, acho que deixou todo mundo abalado. Honestamente, me fez refletir bastante sobre o modo como as coisas são, o modo como as coisas funcionam no nosso mundo acadêmico. O mundo acadêmico, no fim, se mostrou uma grande bolha. Aquilo me deixou bastante incomodada. E eu tô dizendo isso pelo seguinte: quando eu estava dando aula em Salvador [...] [.] ensinando metodologia no curso de Direito. E, assim, tinham vários temas bacanas, sabe? Os estudantes tinham temas, assim... aquela universidade, o Centro Jorge Amado, o núcleo do direito deles tinha muitos professores [...] com temáticas de

justiça social, de democracia, e os estudantes desenvolviam pesquisas bem engajadas, era bem interessante. E aí me surgiram dois alunos com uma conversa esquisita na aula... questionando a ditadura e tal. Mas na época, em 2014, 2015, aquilo pra mim foi só sintoma de ignorância. Nada muito além de ignorância, de conservadorismo e ponto. E, um dia, jantando com um vizinho, um casal de vizinhos, eles começaram a falar coisas sobre o negacionismo, e aí eles mencionaram... como é que eles se autodenominam? [Libertários!] Esse grupo de ultra direita... Enfim, ele falou, “ah, eles se denominam assim, assado, e eles são um grupo assim, assado.” Eu, assim, eu absolutamente menosprezei aquela conversa no sentido assim, “ah, mais um bando de lunáticos aí, tá bom.” Quando o Bolsonaro ganhou as eleições, aí sim surgiram as discussões sobre quem eram os apoiadores, os negacionistas e isso, aquilo e tal, aí foi que eu entendi o que estava acontecendo ali na minha sala de aula. Um aluno de História também, eu tive uma discussão horrenda com um estudante do curso de História... eu não sabia do que se tratava, o que era aquilo. Então, foi quando o Bolsonaro ganhou que tudo veio à tona. E aí me trouxe essa reflexão. Falei “que bolha é essa que a gente vive, que a gente não viu nada disso acontecendo, nada disso crescendo? Por que a gente está espantado com a vitória dele? E com esse discurso que reforça o discurso do Bolsonaro?” Então, ali também me trouxe um pouco essa angústia, não é? De que a gente tá discutindo questões tão sérias, tão importantes, mas tão desconectadas do agora, não é? Pelo menos foi esse sentimento que me deu quando ele venceu, enfim. Mas só uma parte.

***RHS:** Mudando um pouco de assunto, você tem alguma recordação sobre a recepção da revista, à época? Como ela reverberou? E você acredita que ela tenha tido impactos de longo prazo na historiografia?*

Márcia: Talvez, em termos acadêmicos, eu consiga ver. Acho que as publicações da *História Social* acabavam contribuindo para divulgar essa imagem então já consolidada de uma identidade da pós em História. Essa

é a palavra que estava buscando, uma identidade. E, de certa forma, isso influencia outros estudantes e outros programas também, a quererem estudar aquelas temáticas, a ter aqueles pesquisadores como referência, a própria UNICAMP reforça. Então, não sei. Eu acho que a *História Social*, pelo menos academicamente falando, tinha um impacto. Politicamente, eu não saberia te afirmar.

RHS: *Eu queria aproveitar que você comentou bastante sobre essa dimensão da revista para fora da UNICAMP, pensando no ambiente universitário brasileiro e nos espaços em que ela tinha alcance, para perguntar, pensando agora um pouquinho nos próximos dez anos, qual você acha que são os assuntos que poderiam ter um protagonismo dentro das discussões da Revista? Sei que é uma pergunta que geralmente não costumamos fazer para historiadores, mas acho que é uma coisa que todos nós imaginamos.*

Márcia: É mais do que válida, mas é mais do que válida [...] e é difícil responder. Por exemplo, quando vocês mencionaram essa pulverização, vamos dizer, [...] [d]os alunos da pós-graduação de História [...] Talvez o viés de vocês agora seja justamente abrir para o todo, para a diversidade. A questão de como conseguir segurar as pessoas ali para fazer acontecer é outra história, mas talvez essa pulverização da identidade agora é que vai ser a coisa, que vai ser o centro. Talvez essa identidade mais definida, mais concisa, como vocês conseguiram enxergar mais no passado, talvez seja mais difícil de manter agora. Porque esse já era um movimento que estava acontecendo ali, a coisa já estava se pulverizando mais, tanto que eu mencionei que tinha outras linhas e a galera não ficou, não tinha esse apelo. Eu acho que o grande desafio de vocês agora é conseguir criar um corpo ali, mas que congregue toda essa diversidade, dar espaço e ser atrativa para todos eles. As discussões, [...] querendo ou não, as discussões identitárias estão muito fortes. Eu não sei o real impacto que isso está tendo nas pesquisas de História agora, mas já estava começando a ter questões de identidade, temáticas mais subjetivas [...] já estavam começando a ter um

impacto nas pesquisas de História. Então, acho que o grande desafio de vocês, agora, é conseguir criar um espaço que dê conta dessa diversidade de interesses. Porque... eu não sei [...], mas eu acredito que o “Mundos do Trabalho” continue forte, continue ali atraindo, [...] você tem estudantes muito interessados na área, na temática [...]. Mas, você também tem essa outra, essa coisa mais diversa, mais diversificada, em relação a identidades e tal. E acho que isso, sem dúvida nenhuma, vocês vão ter que conseguir congrega, não vai ter jeito. [...] por exemplo, eu acho que a gente precisa pensar [...] na questão da religião no Brasil. Protestantismo. Foi outra surpresa, foi outro impacto. De onde surgiu tanto protestante votando no Bolsonaro? Ninguém estava prestando atenção nos caras. Ninguém estava prestando atenção no discurso, nessa identidade que eles têm tão firme, discurso tão homogêneo, entende? Então acho que o grande desafio de vocês, e vai ser importante para vocês, vai ser ouvir, abrir e ver quais são os pontos aí, o que está congregando os estudantes, as pesquisas na História, o que está reunindo as pessoas e atraí-los. Porque tem uma diversidade muito grande de interesses hoje nas pesquisas e não tem como se fechar para isso mais. Pelo menos é uma percepção que eu tenho que já vinha se desenhando ali, já estava começando a se desenhar e tenho certeza que se fortaleceu. [...] [Acho que] para quem vai se engajar aí na produção historiográfica, acho que o desafio vai ser esse: captar o que está o que está unindo as pessoas aí nos grupos, nas linhas, e buscar a centralidade desses grupos. E aí visualizar com quem eles estão dialogando, porque esse era um movimento que a gente fazia também. Eu procurei dialogar, trazer produção de fora do Chile; o pessoal da Argentina estava contribuindo com a gente; Bahia; enfim... ver essas interlocuções. E é isso que vai alimentar. Não tem jeito. Acho que esse é o desafio. Não sei. [...]

Entrevista com o Prof. Dr. Jefferson Cano

RHS: Professor, você é um exemplo dos muitos “unicampers” que fazem toda a sua formação na UNICAMP e retornam, depois, para dar aulas. Fiz as contas, e fazem pelo menos 36 anos que você conhece e frequenta o campus. Vou aproveitar esse momento, então, para perguntar um pouco sobre a universidade nesse período e sobre o surgimento da revista, em 1994. Imagino que no intervalo de 36 anos muitas coisas tenham mudado, tanto em termos de ensino, de socialização, de grade curricular e até na paisagem do IFCH. Quais são as maiores diferenças ou variações que você percebeu no decorrer desse tempo?

Jefferson: De paisagem, certamente: o IFCH não tinha uma cantina, acho que só depois de 90 a cantina começou a funcionar, e todo aquele conjunto onde havia a cantina que foi demolida, o centro acadêmico e o xerox em frente era uma área com árvores e plantas; o espaço entre o prédio da administração e os prédios dos professores e da pós era terra, sem bancos nem mesinhas. Todo o AEL se espremia na parte de baixo do prédio da administração, a biblioteca era muito menor, nem metade do espaço atual. A grade curricular dava muito espaço para as disciplinas eletivas, os tópicos especiais; se não me engano era um total de 14 tópicos que a gente cursava ao longo da graduação; e não havia monografia de conclusão do curso. E uma coisa que certamente impressionava quem estava chegando à universidade é que a gente se sentia no meio do que estava acontecendo de importante: entre 88 e 90, mais ou menos, Hobsbawm veio lançar a tradução da *Era dos Impérios*, Christopher Hill o *Eleito de Deus* e Ginzburg as *Indagações sobre Piero*. E ver a bibliografia mais reverenciada do momento na sua frente tinha um grande apelo. Não que hoje não aconteçam muitos e relevantes eventos em todas as áreas, que se desenvolveram muito mais desde então, mas eu estou falando apenas de um clima intelectual sentido pelos estudantes, um efeito psicológico de que eu não podia estar em lugar melhor para estudar.

RHS: *Existe algo de que você sente mais saudades?*

Jefferson: É sempre difícil pensar nisso sem cair em alguma armadilha saudosista, que tende a ser saudade mais da sua juventude do que da época propriamente dita. E eu de fato não sou muito saudosista, mas pelo menos um aspecto positivo daquela experiência eu acho que se perdeu, que era a permanência dos alunos no *campus* por mais tempo, o costume de estudar na biblioteca, sempre lotada, de passar tempo na cantina tomando café e conversando sobre os estudos, discutindo projetos, inclusive bebendo uma cerveja depois das aulas, com ou sem o professor. Houve um esvaziamento de vários espaços, por diversos motivos, talvez até inevitáveis, mas sinto que é uma pena.

RHS: *Existe alguma mudança pela qual você está particularmente feliz?*

Jefferson: De um modo geral, eu diria que a universidade mudou para melhor, sobretudo em sua infraestrutura. Mesmo quando o planeta era menos quente, não era fácil ter aulas no Ciclo Básico sem ar-condicionado. (Não tinha ar-condicionado em lugar nenhum, mas o CB não tem janelas.) Algumas áreas de estudo, como História Medieval, cabiam em uma única prateleira da nossa biblioteca. Numa das salas de estudo da biblioteca ficavam umas máquinas de escrever meio quebradas ou sem fita, que mal dava para usar, e quando teve início o uso dos computadores eram só três no instituto, em uma sala do prédio da administração, onde a gente fazia fila para reservar um horário uma vez por semana. Comparar isso com a infraestrutura de estudo que temos hoje é falar de outro planeta. Mas, além da infraestrutura, eu acho que houve uma transformação (na minha opinião muito positiva) na visão da universidade, que se voltou mais para a graduação. Isso não quer dizer que a pesquisa e a pós perderam importância, mas a graduação é o eixo em torno do qual a universidade se institucionalizou, e é por isso que a gente pode pensar hoje em maneiras da universidade se tornar inclusiva.

RHS: *O início da década de 90, contexto no qual foi criada a revista, foi um momento muito peculiar, e afetivamente distinto daquele no qual vivemos hoje em dia. Era o período da redemocratização... Me pergunto se você consegue recuperar/ descrever um pouco da atmosfera da época e como ela afetava a vivência universitária.*

Jefferson: Do período de redemocratização, que, no meu caso, começa junto com o meu Ensino Médio, eu me recordo como uma gangorra entre expectativas e frustrações, com intensidades variadas. A derrota da ditadura no colégio eleitoral em janeiro, a morte do Tancredo em abril, a instabilidade econômica. Os primeiros tempos da nova república me parecem muito marcados pela questão econômica e pelos seus usos pelo governo Sarney, por meio de vários planos econômicos. Com o primeiro deles, o plano cruzado, o PMDB saiu das eleições de 86 com uma força que parecia mesmo imbatível, com o controle dos estados e da constituinte. A emergência do centrão naquela constituinte. Mas quando eu já estava na universidade, em setembro começa uma greve que durou cerca de 60 dias, a mais longa até então, se não me engano. Antes da autonomia, os reajustes eram negociados com o governo do estado juntamente com a rede estadual de ensino, o que dava outra dimensão, outra visibilidade para uma greve. Então, a atmosfera política que eu recordo é de um sentimento crescente de descontentamento com a Nova República, uma “esquerdização” de setores não identificados com a esquerda (inclusive dentro da universidade) que caminhava junto com alguns momentos simbólicos. Por exemplo, em uma das manifestações dos grevistas em São Paulo, a PM avançou com os cavalos pra cima dos professores, o que certamente fez muito peemedebista mudar o voto. Ao mesmo tempo, uma greve na CSN, em Volta Redonda (ainda não privatizada) foi reprimida com a morte de três operários, poucos dias antes da eleição. Foi nesse clima que a gente viveu a primeira eleição em que o PT ganhou as prefeituras de São Paulo, Campinas, Santos. Eu me refiro a essas coisas como parte da minha memória afetiva da graduação porque 88 foi também o centenário da abolição e a UNICAMP era um centro

irradiador de uma historiografia crítica, que resgatava os escravos como sujeitos de sua história, e não anulados pelo sistema. E para mim as duas coisas não se separam, a ascensão do PT e a historiografia que a gente via ser produzida pelos nossos professores. Enfim, havia um entusiasmo, com muito de ingenuidade, é claro, naquele momento, que acabou um ano depois (o entusiasmo), quando o Lula foi derrotado pelo Collor na primeira eleição disputada em dois turnos. Ai a gangorra foi lá embaixo: será que a esquerda algum dia venceria uma eleição em dois turnos, com toda a direita unida no segundo?

RHS: *Para além disso, entre 1990 e 1994, a UNICAMP teve seu único reitor formado em um curso de humanidades, o Professor Carlos Alberto Vogt, especializado em linguística. Ao mesmo tempo em que, em âmbito estadual, atribuíram-se recursos fartos e autonomia de gestão financeira para a universidade. Data de 1989 o decreto nº 29.598, que assegura não apenas a autonomia de gestão financeira das universidades estaduais paulistas, como aloca para elas recursos oriundos do ICMS. Percentual aumentado em 1995. A posteriori, você consegue recuperar a leitura que se fazia dessas mudanças na época? Qual era o clima político e intelectual da UNICAMP?*

Jefferson: Eu não me lembro da gestão Vogt como algo que fosse identificado às humanidades, apesar de o reitor ser do IEL, pois ele era o vice do reitor anterior, Paulo Renato, e os grupos que dividem a política universitária parecem não obedecer a lógicas de áreas. Inclusive ele conseguiu eleger o sucessor, da medicina. A autonomia sempre foi vista por todos como uma grande conquista a ser preservada, mas em tempos de hiperinflação, como aqueles, não há gestão financeira que faça milagre, todos perdem o tempo todo. Acho que essa foi uma fase importante na institucionalização da universidade como conhecemos hoje, com a qualificação do corpo docente, por exemplo: quando eu fiz a graduação havia um número significativo de professores que ainda eram alunos de doutorado, como Sidney Chalhoub, Margareth Rago, Leila Algranti, Paulo Miceli, Eliane Moura, além do Marco Aurélio Garcia, que tinha uma

trajetória à parte. Eu acho que vem dessa época também a regulamentação dos concursos docentes. Mas me parece que o que ficou mais marcado na cara desse tempo foi um espectro do neoliberalismo, que avançava na política e acabou associado também à conformação que tomava a universidade, pois é muito difícil olhar para ideias de qualificação, avaliação, produção e separar tudo isso do seu sentido negativo, o produtivismo como uma ameaça à qualidade acadêmica. Minha turma de mestrado, de 92, foi a primeira a ser impelida a defender em dois anos, o que era muito novo na época, e o estranhamento era grande, pois era comum um mestrado demorar quatro, até cinco anos. As vagas eram limitadas, 10 no mestrado e 5 no doutorado, numa concepção quase hierárquica, mas quando cheguei no doutorado entraram mais 20 comigo, pela primeira vez. Foi uma época de transição para muita coisa que é comum hoje. Era a pesquisa entrando na linha de produção, ou na fábrica de salsicha, para alguns, mas era também uma ampliação do acesso que vinha com a expansão dos programas de pós. Tinha muita coisa junta no mesmo balaio, e muitas contradições também, pelo menos na vida universitária. Politicamente, não havia dúvida: o neoliberalismo que ganhava espaço era o adversário comum.

***RHS:** Uma das nossas maiores curiosidades é o processo de surgimento da revista. Será que você consegue retomar ele para gente?*

Jefferson: Eu vou responder essa pergunta junto com as que seguem abaixo. Nós, que aparecemos na primeira comissão editorial, estudamos juntos durante toda a graduação. O Rafael Chambouleyron (hoje na Federal do Pará) tinha ido fazer o mestrado na USP, mas continuou morando aqui, e a Silvana Mota (agora na Federal de Juiz de Fora) e o Aduino Damásio (agora na rede municipal de Valinhos) continuamos juntos na pós. Eu não me lembro se a ideia partiu primeiro de mim ou do Rafael, mas era meio natural envolver os quatro. Mas havia, de fato, esse movimento, que não era só na UNICAMP. Naquela altura as revistas consolidadas na área não

eram tantas. Tirando a veterana *Revista de História* da USP, tinha a *Questões e Debates* da UFPR, a *História e Perspectivas*, de Uberlândia, a *Estudos Históricos*, do CPDOC, a *Vária História* da UFMG, mas não muito mais que isso. E, por favor, não me entenda mal: quando eu falo “consolidadas”, eu me refiro a revistas que tinham uma projeção considerável em uma época sem internet, não querendo desmerecer nenhuma outra. Mas o fato é que a expansão das publicações nos anos 90 faz parte da expansão da própria pós-graduação, e é nessa década que estão surgindo também outras revistas como a *Locus* em Juiz de Fora, a *Tempo* no Rio. Não tenho certeza, mas acho que esse movimento estava atrelado também aos critérios de avaliação da CAPES, junto com o encurtamento dos mestrados. Aí a nossa questão era: por que o departamento de história não publicava uma revista? (Na verdade, a de história da arte ia sair na mesma época, mas a gente não sabia disso) E por que não fazemos uma por nós mesmos? Ou seja, existia uma vontade de fazer algo que não dependesse de uma iniciativa do departamento, ou de lidar com suas divisões internas. É uma forma de explicar pela negativa, aquilo que não faríamos, porque eu acho que não havia muita clareza para nós mesmos de como se daria a vinculação institucional na prática. Era um misto de ingenuidade com ignorância: para nós, vencida a inércia inicial, bastaria começar, fazer o primeiro número, que a partir daí a revista ganharia uma dinâmica própria, com fluxo de submissões e interessados em participar do trabalho editorial. E por que esse nome? Primeiro por ser mais simples e objetivo que algum nome de fantasia, e também (o que não faz mais nenhum sentido hoje) por ser mais geral. Acontece que no nosso programa a história social do trabalho não era só uma linha de pesquisa, mas uma grande área de concentração, que abrangia tudo que não fosse história da arte. Talvez teria sido mais razoável chamar só História, sem adjetivo, mas na época pareceu que tirar o trabalho do nome seria bastante para incluir todo o programa. Já disse que tinha muito de ingenuidade e de ignorância, mas não só isso, nesse caso. A gente sabia que o adjetivo social abrangia também as representações, as sensibilidades, as linguagens políticas. Nossas linhas se chamavam social, ou cultural, ou político, e isso

tinha a ver com tradições e influências historiográficas assimiladas entre nós, mas chamar a revista de História Social não era optar por uma dessas influências. Então o título História Social não queria representar só uma área, mas assumir o ecletismo, e o modo muito tímido como tentamos fazer isso foi pedindo contribuições de um aluno da USP, orientando da Laura de Mello e Souza, e um cientista político; de dentro do programa, vinha um artigo da história social da cultura, um de movimentos sociais e um de cultura e cidades. Chegamos a escrever uma proposta curta (que certamente foi parar no lixo junto com algum disquete, quando não existia mais computador que lesse aquele fóssil), mas não procuramos o departamento, só algumas pessoas com quem tínhamos um contato mais próximo; que eu me lembre, o Amaral Lapa, a Izabel Marson e o Sidney Chalhoub. Diga-se em nossa defesa: nenhum dos adultos na sala achou que a gente fazia a coisa errada ou da maneira errada. Com isso a gente se sentiu encorajado a falar com a direção. O diretor do IFCH era o João Quartim de Moraes, do departamento de filosofia; ele era da mesma geração do Marco Aurélio Garcia, que resistiu à ditadura e sobreviveu, e tinha um temperamento meio voluntarista, meio anárquico, não sei como definir bem. Conseguimos falar com ele num corredor, ele ouviu o que dissemos em dois minutos, se tanto, e disse alguma coisa como: “tudo bem, pode dizer ao Tião que eu autorizo”. Fomos ao Tião, que era o funcionário responsável pela gráfica, explicamos o que queríamos e falamos que o Quartim tinha autorizado; ele não perguntou mais nada e nos deu uma orientação do que precisávamos fazer para entregar o material. Ou seja, não houve um trâmite burocrático, mas técnico: tivemos que aprender a formatar uma página no *word*, descobrir onde tinha uma impressora laser e comprar o *laserfilm* onde imprimir o original para entregar à gráfica. (O Windows 3.1 era uma descoberta recente para nós e ainda se usavam normalmente versões do word para DOS, com aquelas letrinhas verdes em tela preta, e impressoras matriciais) Enfim, o trabalho de editoração, desde a capa, foi todo nosso, ficando para a gráfica só a impressão. Entramos na fila e o trabalho foi feito. Aí, um belo dia, o diretor associado do instituto,

que era o Armando Boito, do departamento de ciência política, passa pela gráfica, vê aquela pilha de revistas impressas e pergunta o que era. O Tião, inocentemente, dá uma resposta do tipo: “é a revista dos meninos, que o Quartim mandou fazer”. Se o Quartim tinha algo de anárquico, o Boito exercia um tipo de contraponto na administração; enfim, ele achou aquilo um absurdo, como se fosse uso do dinheiro público para fins particulares, porque a revista não trazia na capa o vínculo com a pós, como a *Temáticas* trazia. Ele mandou arrancar todas as capas e imprimir outras, onde estivesse escrito que era uma revista do programa. É claro que a gente ficou muito contrariado, mas também caiu a ficha de que nós não tínhamos dado todos os passos devidos, que aparentemente ninguém sabia quais eram. (Apesar de tudo, eu continuo achando que teria sido mais econômico com o dinheiro público mandar fazer um carimbo e bater nas capas, já que elas nem eram plastificadas.) De qualquer modo, ficou claro a partir daí que a nossa ideia original, que nunca foi muito bem delimitada no que se refere à relação com a instituição, já tinha se resolvido, e que o produto final estava formalmente definido como uma revista da pós-graduação em história. Era natural, então, que se criasse uma sistemática para incorporar os interessados em participar, pois de fato houve interessados, como esperávamos. Uma nova comissão foi formada, se não me engano com o Jaime Rodrigues, mas nunca cogitamos continuar juntos com os novos membros. Por nenhum motivo em particular que eu me lembre, mas ficou a sensação de que todo o processo foi gratificante, mas bem desgastante. Parecia melhor sair de fininho, uma vez que a revista finalmente existia, ainda que por vias tortas.

Entrevista com o Prof. Dr. Paulo Fontes

RHS: *Você chegou a contar um pouco sobre a sua chegada à UNICAMP, saindo da USP⁴. E aí, eu fiquei um pouco me perguntando sobre o clima da época. A gente tem, logo em 1995, um pouco depois, a instituição da autonomia financeira das universidades estaduais de São Paulo; temos uma reitoria que vai ser a única reitoria de humanidades, a do professor Carlos Alberto Vogt; e temos também um boom de publicações dentro do IFCH. Então, eu fiquei me perguntando um pouco sobre esse clima da UNICAMP na época.*

Paulo: Bem, eu não lembrava nada disso que você falou. Então, digamos que, conscientemente, essas coisas não afetavam o clima, mas claro que estavam no substrato, digamos. Então, duas coisas. O que eu vou falar é menos elaborado, assim, de uma visão do que estava acontecendo, né? São mais impressões de um aluno que chega num lugar e convive naquele ambiente. Bem, o ambiente da UNICAMP na pós-graduação era muito legal. A UNICAMP como um todo. Em particular para um aluno que tinha vindo da USP. Embora eu nunca tenha morado muito tempo em Barão Geraldo, como eu falei para vocês antes, eu ia e vinha de São Paulo, muita gente fazia isso, não era só eu, não. Tinha gente que fazia isso do Rio, vinha do Rio. O ambiente geral, eu achava que era um ambiente mais acolhedor, mas simpático no geral [do que na USP]. O Departamento de História, em particular, dava muito essa impressão. Então, sem romantizar, tinha isso.

⁴ Na primeira entrevista, o professor Paulo Fontes pontuou que, embora tenha sido membro ativo do comitê editorial da RHS, era possível que outros integrantes do comitê que atuaram junto com ele estivessem mais capacitados para sanar nossa curiosidade. Isto porque, após concluir a graduação em História, Fontes começou a trabalhar junto ao movimento sindical. Assim, mesmo depois de começar a pós-graduação na UNICAMP, em Campinas, continuou morando em São Paulo. O seu convívio com o nosso ambiente universitário, portanto, teria sido menos imersivo do que o de alguns de seus colegas. Mas não menos carregado de afetos, Fontes já conhecia estudantes da pós-graduação da UNICAMP, em particular Alexandre Fortes, Antonio Luigi Negro, Fernando Teixeira da Silva e Hélio da Costa e o professor, Marco Aurélio Garcia, posteriormente Assessor Especial do Presidente da República para Assuntos Internacionais do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Foram eles que o estimularam a ingressar no mestrado, dando início à sua trajetória na UNICAMP.

Acho que o fato de ter o AEL [Arquivo Edgard Leuenroth] também fazia uma diferença muito grande. Você tem um arquivo muito presente na universidade. E o AEL era ao lado do Departamento de História. Então você quase que se via obrigado a entrar no AEL para ser aceito na UNICAMP.

A minha chegada teve a ver com uma articulação com um grupo de amigos, mais ou menos da mesma geração minha, e de professores que me incentivaram, em particular o Marco Aurélio. Mas logo [também] o Cláudio [Batalha] [...] [e] o Michael [Hall], em particular. Logo depois, Sidney [Chalhoub], Sílvia [Lara]. Claro que havia uma diferença, eu acho, um pouco sutil, mas é uma diferença que existe em todos os lugares, entre quem já tinha feito graduação na UNICAMP e quem não tinha. Então, claro, [...] era um departamento pequeno [...] [e] os professores conheciam todos os alunos pelo nome. Na USP, você era mais um na multidão, era muito mais impessoal a relação. Então, eu lembro das minhas primeiras aulas do mestrado, os alunos que eram conhecidos, os professores se referiam já na primeira aula [pelo nome], fulano, beltrano, ciclano. [...] Eu tive mais facilidade de inserção por conta [...] da gente ter criado esse grupo, eu, o Alexandre, o Fernando, o Hélio, o Gino [...]. Em geral, a galera da UNICAMP tinha acabado a graduação e entrava no mestrado. E todos nós éramos um pouquinho mais velhos. Tinha uma diferença, um *gapzinho* de idade, que não era só de idade, era também de vida, de experiência de vida. A gente trabalhava, todo mundo tinha uma outra vida além da universidade. Então, isso também nos colocava num lugar um pouco de... É até engraçado falar, mas é um pouco de senioridade, e como a gente trabalhava com o movimento sindical, com política, então isso também dava para a gente um certo ar de... [...] “respeitabilidade”, eu acho, olhando a partir hoje.

Do ponto de vista mais historiográfico, eu entrei na UNICAMP em um momento em que ela estava se transformando. É curioso isso, porque se nos anos 1980 você tinha esse *boom* de estudos sobre história do trabalho, história operária, [e] a UNICAMP marca muito essa presença

com trabalhos nesse campo. Nos anos 1990 isso já não estava tão na moda nem na UNICAMP. Já era um outro momento em que a história cultural [...] estava muito forte. A gente estava lendo, sei lá, Darnton, Chartier, essas coisas todas [...] ou a micro-história que estava chegando [...]. Eu lembro de um curso que o próprio Michael deu sobre micro-história. [...] Margareth [Rago], Edgar [De Decca], [Maria Stella] Bresciani, foram para um caminho que não era uma ruptura com a UNICAMP dos anos 80, mas representava um certo afastamento, pelo menos um afastamento temático, e alguma ruptura, acho. Então, havia menos alunos estudando História do Trabalho do que as pessoas supõem. Na verdade, a gente era meio que uma certa aldeia do Asterix, mesmo na UNICAMP. Claro, tudo isso é muito impressionista.

***RHS:** Mas é o que eu ia te perguntar, justamente, porque uma coisa que eu tenho uma certa curiosidade também é sobre como é que a UNICAMP era percebida nessa época. Justamente, tem uma série de mudanças, mas a UNICAMP continua sendo identificada até hoje como história social do trabalho, mesmo que esses trabalhos, na década de 90, por exemplo, já tivessem diminuído. Então, como é que a UNICAMP era percebida? Considerando, inclusive, que na UNICAMP estavam grandes nomes da História Social do Trabalho, que continuam sendo grandes nomes até hoje, né? Pensar na Silvia Lara, no Sidney Chalhoub, que foi para Harvard, enfim.*

Paulo: Interessante isso, porque na época, por exemplo, nem o Sidney e [nem] a Silvia eram reconhecidos como historiadores do trabalho. Eles eram historiadores da escravidão. Havia isso também, um *gap* entre a história da escravidão [e a história do trabalho]. Internamente, a UNICAMP estava numa certa disputa historiográfica, que de fato refletia embates mais globais da própria historiografia. E só isso já demonstra um papel de vanguarda, de estar sempre “antenada” nos debates e questões importantes que a UNICAMP tinha. Essas disputas apareciam nos cursos, apareciam entre os estudantes. Aquele era o momento dos debates da virada linguística pós-moderna. Havia vários professores que, digamos,

compartilham dessa muito dessa crítica à história social. Então, a “pegada” thompsoniana na UNICAMP, naquele momento, é um pouco deixada de lado por vários professores. Por outro lado, o campo da história da escravidão, estava inovando muito.

De uma forma geral, portanto, eu penso que a UNICAMP era vista como um lugar de inovação. Portanto, não é à toa que vinha gente do Rio, do Rio Grande do Sul, vinha muita gente de diferentes lugares para estudar na pós-graduação em História Social da UNICAMP. Em particular, a história da escravidão, naquele momento, era muito atrativa. E eu tenho a impressão de que a criação do CECULT [Centro de Pesquisas em História Social da Cultura], que é mais ou menos ali segunda metade dos anos 90, foi um momento de... de confluência teórica (mesmo com algumas tensões) entre o campo, digamos, mais tradicional da história do trabalho e o pessoal da história da escravidão, o que vai se refletir na história do trabalho em geral. É o momento em que a Silvia Lara escreveu aquele artigo sobre Thompson e a história da escravidão. Eu lembro de um curso que eu fiz com o Sidney. Era um curso de teoria, aquele curso obrigatório, que o Sidney concentrou todinho na leitura da obra do Thompson. E foi uma briga danada, porque os alunos que estavam digamos, mais vinculados à história cultural ou mais críticos à história social pela via “pós-moderna”, “pós-estruturalista” ou “foucaultiana” detestaram o programa. Já criticaram no primeiro dia. O curso foi quase, o tempo todo nas “trincheiras”. E foi um baita curso bom, porque a gente praticamente leu e discutiu em detalhes boa parte da obra do Thompson. Lembro que lemos cada volume do *The Making [of the English Working Class]* em uma semana. Imagina, aqueles volumes daquele tamanho, você morria de ler. Mas foi um curso incrível. Falo isso só para dar um exemplo de uma certa clivagem que internamente existia na UNICAMP. As pessoas que estudavam, digamos, trabalhadores do século XX, e o pessoal que estudava escravidão, meio que se juntaram. Eu acho que essa junção também teve motivos internos, no sentido de ter um campo mais fortalecido. O CECULT logo conseguiu recursos da FAPESP, então isso dava maior autonomia para esse campo de estudos, eu creio.

Mas apesar dessas tensões e debates, a UNICAMP não era um ambiente sectário, pelo menos na minha experiência. E a revista *História Social* foi uma prova disso, porque, no fundo, ela reunia gente de tudo quanto era tendência da UNICAMP. Acho que a revista teve um papel importante de manter um certo campo de debate, de diálogos plurais e não sectários entre os estudantes da pós.

RHS: *Eu acho que tem um exemplo muito claro disso para mim. Desculpa te interromper, mas é porque eu fiquei pensando, acho que encaixa bem, que na mesma edição, no mesmo dossiê sobre a África do Sul, que você comentou sobre a participação de vários historiadores de trabalho mais “tradicionais”, você também tem uma tradução de um texto do Hartog, um texto que tinha saído em 95 e ele vai ser traduzido em 96. Então, você tem, realmente, dentro da revista, conteúdos de áreas diversas. Inclusive, fiquei me perguntando como é que vocês foram buscar um texto do Hartog, assim, que é meio...*

Paulo: Não lembro disso. Provavelmente não tive nada a ver com isso diretamente. Mas acho que isso, por exemplo, a Cris Meneghello, a própria Fernanda [Pitta], que trazia os debates da história da arte, que eram um universo que aparentemente ainda mais distante [da história do trabalho] mas que ela mostrava que não eram tão distantes assim. No período da minha gestão na editoria da RHS houve algo que nos aproximou, pois eu, o Gino e a Cris Meneghello fomos convidados – isso é uma articulação que o Marco Aurélio Garcia fez com a Companhia das Letras – para fazer a revisão técnica da tradução do *Costumes em Comum*, da tradução. Portanto, havia essas conexões também. Existia um espírito comum dentro do programa de pós graduação em história da UNICAMP, que independia do que você estudasse, independia de eventuais divergências teórico-acadêmicas. E acho que a revista refletia isso. Era uma coisa muito legal porque a gente tinha muita autonomia e certas condições materiais para a gente fazer a revista.

E eu acredito que a revista teve um certo impacto porque não era muito comum revistas de alunos de pós-graduação nessa época, não sei dizer quais outras que tinham, mas certamente havia poucas. Então, era uma revista tocada pelos estudantes, com muito pique e muita energia. A gente tinha vontade de que as coisas acontecessem. Acho que isso era uma característica também que reflete um pouco a crença naquilo que a gente estava fazendo. Que aquilo, de alguma forma, tinha importância. Isso tem a ver com a sua pergunta também. Nos anos 1990, não sei dizer exatamente qual era a imagem externa da UNICAMP. Eu fui para lá porque a imagem que eu tinha era que lá era realmente “o lugar da história social do trabalho”, O lugar. Se eu quisesse estudar isso, eu tinha que ir para lá. Acho que quem ia para a história da escravidão talvez pensasse assim também. Claro que havia outras programas de pós-graduação em história muito interessantes e importantes, [mas eu] tenho a impressão de que a UNICAMP tinha esse astral de ser um lugar inovador, um lugar meio na vanguarda. Se você queria sair de uma coisa mais tradicional, a UNICAMP era o seu lugar.

No meu caso, quando eu cheguei na UNICAMP nos anos 90, um pouco daquele *boom* da história do trabalho dos anos 80 tinha se esgotado, na verdade. E ele tinha se esgotado também cronologicamente, porque, se você olhar, eram quase todos estudos sobre o “pré-30”. E chega meio que a geração da gente querendo estudar o “pós-30”, o “pós-45”. Isso teve um lado bom, para nós, porque obrigou a gente também a abrir diálogos para além da UNICAMP. Estudar o movimento dos trabalhadores no “populismo”, no “pós-30”, no “pós-45”, obrigava-nos a abrir diálogos para fora. Por exemplo, obrigava a abrir diálogo com toda a história política no Rio: CPDOC, UFF. Também nos levou a uma coisa que foi muito importante para a minha geração ali na UNICAMP, que foi alimentar uma perspectiva interdisciplinar, porque boa parte dessa produção sobre o período “pós 30” não era feita por historiadores, era feita nas ciências sociais. E já havia uma crítica realizada nas ciências sociais. Mesmo na USP, Maria Célia Paoli é um nome-chave para todos nós. Se você olhar

nossas bancas, ela está em todas. Então, tinha essa tradição da sociologia que vinha do Éder Sader, da Maria Célia, da Vera da Silva Telles, que estavam fazendo determinados tipos de críticas à tradição sociológica da USP dentro da USP. Então, essas pessoas foram muito importantes. Enfim, o Michael [Hall], era uma figura, digamos, mediadora desses espaços, porque apesar de ser uma pessoa muito discreta, ele conhecia todo mundo, ele estava na articulação de todas essas pessoas. E era muito respeitado. Também havia um contato com a sociologia e a antropologia no Rio. Nomes como José Sérgio Leite Lopes e José Ricardo Ramalho tiveram um diálogo muito intenso com os historiadores na UNICAMP. Na segunda metade dos anos 1990, eu, Gino, Fernando e Hélio fizemos um curso muito importante com o José Sérgio na USP, que havia sido convidado como professor visitante pela Maria Célia, e foi, realmente, um curso espetacular.

Portanto, desde cedo aprendemos muito a lidar com uma perspectiva interdisciplinar na nossa produção. Esse diálogo com outros lugares era muito produtivo, abria muito nossas cabeças. Além disso, professores como Michael, Bob [Robert Slenes] e mesmo o Sidney tiveram um papel muito importante no sentido da internacionalização do programa de pós em história social da UNICAMP. Isso também era uma característica da UNICAMP, que hoje está mais disseminada, mas que na época poucos lugares tinham. Isso criou conexões que, para mim, são fundamentais até os dias de hoje. Eu lembro da Barbara Weinstein dando aulas no cursos da UNICAMP, o pessoal da Argentina, Mirta Lobato, Daniel James, John French, Huw Beynon, Mike Savage, entre vários outros, sempre presentes na UNICAMP. Para qualquer pesquisador estrangeiro, jovem ou sênior, interessado em história do trabalho, história da escravidão, etc, a UNICAMP era um ponto de parada obrigatório nos anos 1990. E acho que em alguma medida até os dias de hoje, mas, como eu disse, acho que a coisa hoje está mais [descentralizada] com muitos programas de pós importantes espalhados por todo o país. Essa expansão da pós-graduação foi uma coisa muito positiva e fortaleceu a universidade e o conhecimento

histórico em vários lugares. Então, essa ideia de um lugar só não existe mais, apesar da tradição da UNICAMP, e isso vai ficar para sempre. Mas você não precisa ir para a UNICAMP para fazer História do Trabalho. É o contrário, você faz onde quiser, tem muitos lugares. Então, mudou. Isso é bom, na verdade.

***RHS:** Temos mais três perguntas que imagino que sejam breves. E aí depois eu abro, caso queira falar mais alguma coisa que não tenha sido perguntada e para fechar alguma ponta que tenha ficado aberta. A primeira das perguntas era especificamente sobre a chamada para textos. Nós queríamos saber: como vocês faziam este processo?*

Paulo: Vou tentar lembrar, isso é uma pergunta bem específica, mas do que eu me lembro, acho que são as duas coisas. Na medida que a revista foi se tornando conhecida, começamos a receber muitos artigos de estudantes. E era um momento, tem que levar isso em conta, que era mais difícil publicar. Havia menos revistas acadêmicas e pouquíssimas revistas específicas para mestrandos e doutorandos. Então, acho que havia uma demanda reprimida, especialmente de estudantes. Pegar um bom trabalho de curso, por exemplo, e adaptar para fazer um artigo. Portanto, acho que não tinha muito problema, ao que me lembre, de angariar artigos de forma mais ou menos espontânea. Mas acho que [para] os dossiês a gente caprichava no sentido de tentar ter alguns nomes, algumas coisas que a gente articulava. O de África do Sul é explícito nesse sentido. O outro é o do Hobsbawm, que a gente fez. Hobsbawm tinha sido convidado pelo Instituto Cajamar, em que eu, o Alexandre, Hélio e Gino trabalhamos em algum momento. Ele veio e foi uma história muito engraçada, porque a gente... Almoçou com o Hobsbawm, tem foto da gente com o Hobsbawm, aquela coisa toda. Ele falou para a Direção Nacional da CUT, se reuniu com o Lula. Então teve todo um roteiro político do Hobsbawm. E tinha esse evento, o *Era dos Extremos* tinha acabado de ser publicado. Então a gente fez aquela brincadeira com a “Era de Hobsbawm”. E aí era o Marco Aurélio, Maria Célia, José Sérgio, não lembro se tinha mais alguém.

Alexandre estava mediando. Enfim, mas isso foi uns dois anos antes de sair na revista. A gente tinha esse material e falou, vamos publicar na revista. Na verdade, não foi um convite para ninguém, a gente simplesmente transcreveu as falas que tinham sido gravadas, passou para os autores transformarem em artigos e a gente publicou. Acho que, na prática, era um pouco as duas coisas. Na medida que a revista foi ganhando tração, tinha um fluxo de gente mandando para a revista e havia convites também.

***RHS:** Passando para alguns aspectos mais técnicos da produção, fiquei me perguntando como surgiu a ideia de organizar dossiês temáticos, já que o da África do Sul foi o primeiro. Algo, diga-se de passagem, impressionante, considerando a pouca difusão de estudos sobre África à época. Como surgiu a ideia de trabalhar com dossiês temáticos? E como foi a escolha do tema “África do Sul”? A edição, aliás, conta com a presença de intelectuais sul-africanos, como foi o processo de recebimento dessas contribuições do outro lado do Atlântico?*

Paulo: Bem, esse dossiê teve diretamente a ver com a minha situação profissional. Eu era educador sindical. Havia trabalhado no Instituto Cajamar⁵ e naquele período trabalhava no Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas de São Paulo. Acontece que o sindicalismo em Moçambique passava por várias transformações no período após a guerra civil por lá e pediu ajuda da CUT para criar um programa de formação sindical em seu país. Todo esse processo foi intermediado pela COSATU, central sindical sul-africana. Assim, foi montada uma delegação com sindicalistas, assessores e educadores da CUT que foram enviados para missões de intercâmbio em Moçambique. Eu fui incluído na delegação. Visitamos por duas vezes a África do Sul e Moçambique. Foi uma experiência incrível que me impactou tremendamente. Cheguei a ficar um mês em Nampula no norte de Moçambique realizando atividades com sindicalistas locais. Muito interessante. Em Johannesburg visitei o

⁵ Sobre o Instituto Cajamar ver: <https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-68-instituto-cajamar-cajamar-sp-valter-pomar-e-paulo-fontes/>

Soweto, sindicatos, fábricas e outros lugares importantes da luta contra o Apartheid. Nelson Mandela ainda era o presidente e o movimento sindical havia tido um papel central na luta contra o Apartheid e na eleição e governo de Mandela. Era um momento muito efervescente e de esperanças. Havia muito interesse pelo Brasil, pelas experiências da CUT, do PT. Paulo Freire também era uma referência para a educação popular na África do Sul. Enfim, havia muito interesse mútuo e espaço para intercâmbios. Nesse contexto eu travei contato com Eddie Webster, um famoso sociólogo do trabalho, e outros historiadores da Universidade de Witwatersrand, um espaço muito importante de resistência política e de produção acadêmica sofisticada, inclusive no campo da história social do trabalho. Apesar dos contextos diferentes, havia muita coisa em comum nos debates historiográficos e políticos entre nós. E.P. Thompson era uma referência comum, as relações entre raça e classe eram obviamente temas absolutamente centrais nas duas historiografias, as críticas às teorias da modernização, a um marxismo ortodoxo e estruturalista, o interesse na ação e nas lógicas dos subalternos – tudo isso compunha um campo comum de discussões e trocas. No ano seguinte Eddie Webster veio ao Brasil. Alexandre [Fortes], Gino e eu aproveitamos para entrevistá-lo e daí surgiu a ideia de fazer um dossiê sobre a África do Sul para a RHS. Fizemos alguns convites e montamos o dossiê, incluindo a entrevista (aproveito aqui para homenagear Eddie Webster que faleceu recentemente e foi um intelectual público impressionante. Um gigante na luta contra o apartheid, e no apoio à construção de um movimento sindical forte e autônomo, não apenas na África do Sul, mas em todo o sul global, como sua fundamental atuação nos últimos anos na Global Labor University). Lembro que deu trabalho, mas foi muito gratificante. Acho que não tínhamos completa noção, mas de fato, olhando em perspectiva, foi algo com algum pioneirismo mesmo. Mas a motivação nasceu primeiro da nossa relação com o mundo dos movimentos sociais e da política e daí para o debate acadêmico.

RHS: *Professor, falando inclusive em publicações, a outra pergunta, e última, tem a ver justamente com isso. Se pudesse manter ou mudar algo nos atuais formatos de publicações acadêmicas, quais seriam as mudanças? E você teria alguma outra indicação de algo que gostaria de ver na revista História Social? A gente está reativando ela depois de 10 anos parada, então a gente está pensando muito nisso ultimamente, em como que a gente pode contribuir para o ambiente de diálogo e divulgação científica das revistas.*

Paulo: Caramba, pergunta difícil. Eu acho assim, tem, digamos, uma coisa, se a gente pensar... Óbvio que tem um lado bom a gente ter muitas revistas, quanto mais conhecimento histórico circulando, melhor, ainda mais num país como o nosso, onde o conhecimento histórico é tão truncado, é tão limitado. Tão restrito a um grupo muito pequeno de pessoas etc., e ainda mais com o negacionismo que a extrema-direita tem estimulado no conhecimento histórico. Claro que, quanto mais conhecimento histórico circulando, melhor, na minha opinião. Não tenho nenhum problema com... não tenho nenhum problema com jornalista fazendo história, não tenho problema nenhum com essas coisas. Acho que tem espaço para todo mundo e é importante que tenha, porque temos, na verdade, uma carência de conhecimento e debate histórico. Porém, do ponto de vista de uma revista acadêmica, uma revista científica, é importante criar mecanismos de diferenciação. Para uma revista de estudantes, é claro que tem algumas limitações, mas tem umas vantagens também. Eu fui um dos editores da *Estudos Históricos* do CPDOC, quando eu estava lá. Agora, recentemente, eu fui editor assistente da *Topoi* da UFRJ e agora estou como editor de resenhas da *Mundos do Trabalho*. Tenho uma certa experiência em diferentes tipos de revistas, diferentes culturas acadêmicas também. As revistas, em geral, também estão pressionadas por mecanismos de indexação. Então, nesse sentido, a revista que é feita por estudantes tem essa vantagem de poder, digamos, atingir um público que não pode também publicar em todas as revistas. Doutorandos muitas vezes não podem publicar numa revista de departamento, numa revista

de área. Acho que isso pode ser uma vantagem para uma revista como a RHS, desde que feito, com profissionalismo, que acho que sempre foi uma preocupação nossa e que vejo que continua. A revista não é uma coisa para depositar... um repositório dos trabalhos que os alunos fazem e ponto. Não, é uma revista. Ela cumpre padrões acadêmicos estritos, mas ela tem essa possibilidade de poder ser mais plural. Acho isso importante. É um treino importante. Para mim, foi um treino fundamental. Imagino que para vocês também. Pensando alto aqui, não sei, acho que justamente por isso, talvez a revista possa ser um espaço para pensar em iniciativas que vão além da academia. Entrar nessa discussão do lugar da história na sociedade. Enfim, tem muitas coisas que acho que podem tornar um pouco mais atraente, não só atraente no sentido de a gente atrair o público para ler a revista, mas também atraente no sentido de fazer uma reflexão sobre esse lugar da história na sociedade. Talvez a gente viva um paradoxo que tem muita história e memória circulando, mas pouco conhecimento histórico consolidado. É um paradoxo dos nossos tempos, o que abre espaço, de fato, para o negacionismo, para o anticientificismo, enfim, na verdade, tem aberto espaço para o fascismo. Acho que isso é uma coisa que talvez uma revista com uma história social, até pela maior flexibilidade que ela pode ter, possa cumprir, possa ser, eventualmente, também do ponto de vista mais corporativo da revista, um diferencial para ela.

***RHS:** Perfeito, excelente. Professor, muito obrigado. Eu abro espaço agora para caso você queira dizer alguma coisa que acha que ficou faltando, queira complementar uma coisa que pensou antes, enfim.*

Paulo: Não, acho que não, só queria agradecer. Estou muito feliz que vocês tomaram essa iniciativa. [...] É um pouco estranho, a gente fica se sentindo (risos)... Trabalhei com muita história oral na vida, agora estou me sentindo como o velhinho que eu entrevistava. É um lugar estranho de ser colocado, mas, ao mesmo tempo, gratificante. A gente nem se dá conta direito que já faz bastante tempo que a revista saiu, que a gente trabalhou

nisso. Muito legal isso estar sendo, de alguma forma, recuperado e ver que teve uma importância. E acho muito bom que vocês retomem isso. Só queria agradecer e desejar muito sucesso nessa retomada.